

*** A Distributed Proofreaders Canada Ebook ***

This ebook is made available at no cost and with very few restrictions. These restrictions apply only if (1) you make a change in the ebook (other than alteration for different display devices), or (2) you are making commercial use of the ebook. If either of these conditions applies, please check with an FP administrator before proceeding.

This work is in the Canadian public domain, but may be under copyright in some countries. If you live outside Canada, check your country's copyright laws. **If the book is under copyright in your country, do not download or redistribute this file.**

Title: Sonetos Completos

Author: Espanca, Florbela (1894-1930)

Translator: Battelli, Guido (1869-1955)

Sculptor: Macedo, Diogo de (1889-1959)

Photographer: Anonymous

Date of first publication: 1934

Edition used as base for this ebook: Coimbra: Gonçalves, 1934

Date first posted: 12 December 2010

Date last updated: 30 June 2014

Faded Page ebook#20101207

This ebook was produced by: Júlio Reis & the Online Distributed Proofreading Canada Team at <http://www.pgdpcanada.net>

This file was produced from images generously made available by the Biblioteca Nacional de Portugal (Biblioteca Nacional Digital)

*** Livre électronique de Distributed Proofreaders Canada ***

Le présent livre électronique est rendu accessible gratuitement et avec quelques restrictions seulement. Ces restrictions ne s'appliquent que si [1] vous apportez des modifications au livre électronique (et que ces modifications portent sur le contenu et le sens du texte, pas simplement sur la mise en page) ou [2] vous employez ce livre électronique à des fins commerciales. Si l'une de ces conditions s'applique, veuillez consulter avec un administrateur de la FP avant de continuer.

Ce texte est dans le domaine public au Canada, mais pourrait être couvert par le droit d'auteur dans certains pays. Si vous ne vivez pas au Canada, renseignez-vous sur les lois concernant le droit d'auteur. **Dans le cas où le livre est couvert par le droit d'auteur dans votre pays, ne le téléchargez pas et ne redistribuez pas ce fichier.**

Titre: Sonetos Completos

Auteur: Espanca, Florbela (1894-1930)

Traducteur: Battelli, Guido (1869-1955)

Sculpteur: Macedo, Diogo de (1889-1959)

Photographe: Anonyme

Date de la première publication: 1934

Édition utilisée comme modèle pour ce livre électronique: Coimbra: Gonçalves, 1934

Date de la première publication sur Distributed Proofreaders Canada: 12 décembre 2010

Date de la dernière mise à jour: 30 June 2014

Livre électronique de FadedPage.com n° 20101207

Ce livre électronique a été créé par: Júlio Reis et l'équipe des correcteurs d'épreuves (Canada) à <http://www.pgdpcanada.net>

Nous tenons à remercier la Biblioteca Nacional de Portugal (Biblioteca Nacional Digital) d'avoir offert en ligne les images de l'édition imprimée sur laquelle nous avons fondé ce livre électronique.

Notas de transcrição:

O índice encontra-se [aqui](#).

A [errata](#) presente no final do volume foi aplicada.

Foram feitas correcções adicionais que não vinham na errata:

- [Página 121, linha 9](#) «*Olha o nosso irmão Sol, nossa irmã água...* corrigida para «*Olha o nosso irmão Sol, nossa irmã água...*»
- [Página 142, linha 10](#) —*Quanto mais funda e lúgubre e descida* corrigida para —*Quanto mais funda e lúgubre a descida*
- [Página 175, linha 11](#) *Navios—fantasmas, perdem-se a distância!* corrigida para *Navios-fantasmas, perdem-se a distância!*

Note di trascrizione:

Florbela Espanca (1894-1930) è una poetessa portoghese celebrata per i suoi sonetti tragici. Guido Battelli (1869-1955) era un insegnante italiano che fu conquistato dalla poesia di Florbela. I due divennero molto amici e Guido pubblicò questa edizione postuma completa della sua poesia, includendo [la propria traduzione di una selezione dei sonetti di Florbela](#).

SONETOS COMPLETOS

DA AUTORA:

Livro de Mágoas, 1.^a ed. (esgotado).

Livro de Sórora Saúde, 1.^a ed. (esgotado).

NA MESMA LIVRARIA:

Charneca em Flor, 1.^a e 2.^a ed. (esgotado).

Livro de Mágoas, Livro de Sórora Saúde, 2.^a ed. (esgotado).

Juvenília (versos).

Cartas.

EDIÇÕES MARANUS:

As máscaras do Destino (contos).

A SAIR:

O Dominó negro (contos).



BUSTO DA AUTORA POR DIOGO DE MACEDO A ERIGIR EM ÉVORA

FLORBELA ESPANCA

Sonetos Completos

LIVRO DE MÁGOAS
LIVRO DE SÓROR SAÛDADE
CHARNECA EM FLOR
RELIQUIAE

COIMBRA
MCMXXXIV

LIVRARIA GONÇALVES
Rua Sá de Miranda, 60

LIVRO DE MÁGOAS

(1919)

*Procuramos sòmente a Beleza, que a vida
É um punhado infantil de areia ressequida
Um som d'água ou de bronze e uma sombra que passa...*

EUGÉNIO DE CASTRO.

*Isolés dans l'amour ainsi qu'en un bois noir,
Nos deux cœurs, exalant leur tendresse paisible,
Seront deux rossignols que chantent dans le soir.*

VERLAINE.

ÊSTE LIVRO...

Êste livro é de mágoas. Desgraçados
Que no mundo passais, chorai ao lê-lo!
Sòmente a vossa dor de Torturados
Pode, talvez, senti-lo... e compreendê-lo.

Êste livro é para vós. Abençoados
Os que o sentirem, sem ser bom nem belo!
Bíblia de tristes... Ó Desventurados,
Que a vossa imensa dor se acalme ao vê-lo!

Livro de Mágoas... Dores... Ansiedade!
Livro de sombras... Névoas... e Saüdades!
Vai pelo mundo... (Trouxe-o no meu seio...)

Irmãos na Dor, os olhos razos de água,
Chorai comigo a minha imensa mágoa,
Lendo o meu livro só de mágoas cheio!...

VAIDADE

Sonho que sou a Poetisa eleita,
Aquele que diz tudo e tudo sabe,
Que tem a inspiração pura e perfeita,
Que reúne num verso a imensidade!

Sonho que um verso meu tem claridade
Para encher todo o mundo! E que deleita
Mesmo aqueles que morrem de saudade!
Mesmo os de alma profunda e insatisfeita!

Sonho que sou Alguém cá neste mundo...
Aquele de saber vasto e profundo,
Aos pés de quem a terra anda curvada!

E quando mais no céu eu vou sonhando,
E quando mais no alto ando voando,
Acordo do meu sonho...

E não sou nada!...

EU

Eu sou a que no mundo anda perdida,
Eu sou a que na vida não tem norte,
Sou a irmã do Sonho, e desta sorte
Sou a crucificada... a dolorida...

Sombra de névoa ténue e esvaecida,
E que o destino amargo, triste e forte,
Impele brutalmente para a morte!
Alma de luto sempre incompreendida!...

Sou aquela que passa e ninguém vê...
Sou a que chamam triste sem o ser...
Sou a que chora sem saber porquê...

Sou talvez a visão que Alguém sonhou,
Alguém que veio ao mundo p'ra me ver
E que nunca na vida me encontrou!

CASTELÃ DA TRISTEZA

Altiva e couraçada de desdém,
Vivo sòzinha em meu castelo: a Dor!
Passa por êle a luz de todo o amor...
E nunca em meu castelo entrou alguém!

Castelã da Tristeza, vês?... A quem?...
—E o meu olhar é interrogador—
Prescruto, ao longe, as sombras do sol-pôr...
Chora o silêncio... nada... ninguém vem...

Castelã da Tristeza, porque choras
Lendo, tôda de branco, um livro de oras,
Á sombra rendilhada dos vitrais?...

A noite, debruçada p'las ameias,
Porque rezas baixinho?... Porque anseias?...
Que sonho afagam tuas mãos reais?...

TORTURA

Tirar dentro do peito a Emoção,
A lúcida Verdade, o Sentimento!
—E ser, depois de vir do coração,
Um punhado de cinza esparso ao vento!...

Sonhar um verso d'alto pensamento,
E puro como um ritmo d'oração!
—E ser, depois de vir do coração,
O pó, o nada, o sonho dum momento...

São assim ôcos, rudes, os meus versos:
Rimas perdidas, vendavais dispersos,
Com que eu iludo os outros, com que minto!

Quem me dera encontrar o verso puro,
O verso altivo e forte, estranho e duro,
Que dissesse, a chorar, isto que sinto!

LÁGRIMAS OCULTAS

Se me ponho a cismar em outras eras
Em que ri e cantei, em que era qu'rida,
Parece-me que foi noutras esferas,
Parece-me que foi numa outra vida...

E a minha triste bôca dolorida
Que dantes tinha o rir das primaveras,
Esbate as linhas graves e severas
E cai num abandono de esquecida!

E fico, pensativa, olhando o vago...
Toma a brandura plácida dum lago
O meu rosto de monja de marfim...

E as lágrimas que choro, branca e calma,
Ninguém as vê brotar dentro da alma!
Ninguém as vê cair dentro de mim!

TÔRRE DE NÉVOA

Subi ao alto, à minha Tôrre esguia,
Feita de fumo, névoas e luar,
E pus-me, comovida, a conversar
Com os poetas mortos, todo o dia.

Contei-lhes os meus sonhos, a alegria
Dos versos que são meus, do meu sonhar,
E todos os poetas, a chorar,
Responderam-me então: Que fantasia,

Criança doida e crente! Nós também
Tivemos ilusões, como ninguém,
E tudo nos fugiu, tudo morreu!...

Calaram-se os poetas, tristemente...
E é desde então que eu choro amargamente
Na minha Tôrre esguia junto ao Céu!...

A MINHA DOR

A Você.

A minha Dor é um convento ideal
Cheio de claustros, sombras, arcarias,
Aonde a pedra em convulsões sombrias
Tem linhas dum requinte escultural.

Os sinos têm dobres d'agonias
Ao gemer, comovidos, o seu mal...
E todos têm sons de funeral,
Ao bater horas, no correr dos dias...

A minha Dor é um convento. Há lírios
Dum roxo macerado de martírios,
Tão belos como nunca os viu alguém!

Nesse triste convento aonde eu moro,
Noites e dias rezo e grito e choro,
E ninguém ouve... ninguém vê... ninguém...

DIZERES ÍNTIMOS

É tão triste morrer na minha idade!
E vou ver os meus olhos, penitentes
Vestidinhos de roxo, como crentes
Do soturno convento da Saúde!

E logo vou olhar (com que ansiedade!...)
As minhas mãos esguias, languescetes,
De brancos dedos, uns bébés doentes
Que hão de morrer em plena mocidade!

E ser-se novo é ter-se o Paraíso.
É ter-se a estrada larga, ao sol, florida,
Aonde tudo é luz e graça e riso!

E os meus vinte e três anos... (Sou tão nova!)
Dizem baixinho a rir: «Que linda a vida!...»
Responde a minha Dor: «Que linda a cova!»

AS MINHAS ILUSÕES

Hora sagrada dum entardecer
D'Outono, à beira-mar, côr de safira.
Soa no ar uma invisível lira...
O sol é um doente a enlanguescer...

A vaga estende os braços a suster.
Numa dor de revolta cheia de ira,
A doirada cabeça que delira
Num último suspiro, a estremecer.

O sol morreu... e veste luto o mar...
E eu vejo a urna d'oiro, a baloiçar,
À flor das ondas num lençol de espuma.

As minhas ilusões, doce tesoiro,
Também as vi levar em urna d'oiro.
No Mar da Vida, assim... uma por uma...

NEURASTENIA

Sinto hoje a alma cheia de tristeza!
Um sino dobra em mim, Ave-Marias!
Lá fora, a chuva, brancas mãos esguias,
Faz na vidraça rendas de Veneza...

O vento desgrenhado, chora e reza
Por alma dos que estão nas agonias!
E flocos de neve, aves brancas, frias,
Batem as asas pela Natureza...

Chuva... tenho tristeza! Mas porquê?
Vento... tenho saudades! Mas de quê?
Ó neve que destino triste o nosso!

Ó chuva! Ó vento! Ó neve! Que tortura!
Gritem ao mundo inteiro esta amargura,
Digam isto que sinto que eu não posso!!...

PEQUENINA

À Maria Helena Falcão Risques.

És pequenina e ris... A bôca breve
É um pequeno idílio côr de rosa...
Haste de lírio frágil e mimosa!
Cofre de beijos feito sonho e neve!

Doce quimera que a nossa alma deve
Ao Céu que assim te fêz tão graciosa!
Que nesta vida amarga e tormentosa
Te fêz nascer como um perfume leve!

O ver o teu olhar faz bem à gente...
E cheira e sabe, a nossa bôca, a flores
Quando o teu nome diz, suavemente...

Pequenina que a Mãe de Deus sonhou,
Que ela afaste de ti aquelas dores
Que fizeram de mim isto que sou!

A MAIOR TORTURA

A Um Grande Poeta de Portugal.

Na vida, para mim, não há deleite.
Ando a chorar convulsa noite e dia...
E não tenho uma sombra fugidia
Onde poise a cabeça, onde me deite!

E nem flor de lilaz tenho que enfeite
A minha atroz, imensa, nostalgia...
A minha pobre Mãe tão branca e fria
Deu-me a beber a Mágoa no seu leite!

Poeta, eu sou um cardo desprezado,
A urze que se pisa sob os pés.
Sou, como tu, um riso desgraçado!

Mas a minha tortura 'inda é maior:
Não ser poeta assim como tu és
Para gritar num verso a minha Dor!...

A FLOR DO SONHO

A flor do Sonho alvíssima, divina,
Miraculosamente abriu em mim,
Como se uma magnólia de setim
Fôsse florir num muro todo em ruína.

Pende em meu seio a haste branda e fina
E não posso entender como é que, enfim,
Essa tão rara flor abriu assim!...
Milagre... fantasia... ou talvez, sina...

Ó Flor que em mim nasceste sem abrolhos,
Que tem que sejam tristes os meus olhos
Se êles são tristes pelo amor de ti?!...

Desde que em mim nasceste em noite calma,
Voou ao longe a asa da minh'alma
E nunca, nunca mais eu me entendi...

NOITE DE SAÜDADE

A Noite vem pousando devagar
Sôbre a terra que inunda de amargura...
E nem sequer a bênção do luar
A quis tornar divinamente pura...

Ninguém vem atrás dela a acompanhar
A sua dor que é cheia de tortura...
E eu oiço a Noite imensa soluçar!
E eu oiço soluçar a Noite escura!

Porque és assim tão 'scura, assim tão triste?
É que talvez, ó Noite, em ti existe
Uma Saüdade igual à que eu contenho!

Saüdade que eu não sei donde me vem...
Talvez de ti, ó Noite!... Ou de ninguém!...
Que eu nunca sei quem sou, nem o que tenho!!

ANGÚSTIA

Tortura do pensar! Triste lamento!
Quem nos dera calar a tua voz!
Quem nos dera cá dentro, muito, a sós,
Estrangular a hidra num momento!

E não sequer pensar!... E o pensamento
Sempre a morder-nos bem, dentro de nós...
Qu'rer apagar no Céu—Ó sonho atroz!—
O brilho duma estrêla, com o vento!...

E não se apaga, não... nada se apaga.
Vem sempre rastejando como a vaga...
Vem sempre perguntando: «O que te resta?...»

Ah! não ser mais que o vago, o infinito!
Ser pedaço de gelo, ser granito,
Ser rugido de tigre na floresta!

AMIGA

Deixa-me ser tua amiga, Amor;
A tua amiga só, já que não queres
Que pelo teu amor seja a melhor
A mais triste de tôdas as mulheres.

Que só, de ti, me venha mágoa e dor
O que me importa a mim?! O que quiseses.
É sempre um sonho bom! Seja o que fôr
Bemdito sejas tu por mo dizeres!

Beija-me as mãos, Amor, devagarinho...
Como se os dois nascessemos irmãos,
Aves cantando, ao sol, no mesmo ninho...

Beija-mas bem!... Que fantasia louca
Guardar assim, fechados, nestas mãos,
Os beijos que sonhei p'ra minha bôca...

DESEJOS VÃOS

Eu qu'ria ser o Mar d'altivo porte
Que ri e canta, a vastidão imensa!
Eu qu'ria ser a pedra que não pensa,
A Pedra do caminho, rude e forte!

Eu qu'ria ser o sol, a luz intensa,
O bem do que é humilde e não tem sorte!
Eu qu'ria ser a árvore tósca e densa
Que ri do mundo vão e até da morte!

Mas o Mar também chora de tristeza...
As árvores, também, como quem reza,
Abrem, aos Céus os braços, como um crente!

E o Sol altivo e forte, ao fim dum dia,
Tem lágrimas de sangue na agonia!
E as Pedras... essas... pisa-as tôda a gente!...

PIOR VELHICE

Sou vélha e triste. Nunca o alvorocer
Dum riso são andou na minha bôca!
Gritando que me acudam, em voz rouca,
Eu, Náufraga da Vida, ando a morrer!

A Vida que ao nascer enfeita e touca
D'alvas rosas, a fronte da mulher,
Na minha fronte mística de louca
Martírios só poisou a emmurchecer!

E dizem que sou nova... A mocidade
Estará só, então, na nossa idade,
Ou está em nós e em nosso peito mora?!...

Tenho a pior velhice, a que é mais triste,
Aquela onde nem sequer existe
Lembrança de ter sido nova... outrora...

A UM LIVRO

No silêncio de cinzas do meu Ser
Agita-se uma sombra de cipreste.
Sombra roubada ao livro que ando a ler
A êsse livro de mágoas que me deste.

Estranho livro aquêle que escreveste,
Artista da saüdade e do sofrer!
Estranho livro aquêle em que puseste
Tudo o que eu sinto, sem poder dizer!

Leio-o e folheio, assim, tôda a minh'alma!
O livro que me deste é meu e psalma
As orações que choro e rio e canto!...

Poeta igual a mim, ai quem me dera
Dizer o que tu dizes!... Quem soubera
Velar a minha Dor dêsse teu manto!...

ALMA PERDIDA

Tôda esta noite o rouxinol chorou,
Gemeu, rezou, gritou perdidamente!
Alma de rouxinol, alma da gente,
Tu és, talvez, alguém que se finou!

Tu és, talvez, um sonho que passou,
Que se fundiu na Dor, suavemente...
Talvez sejas a alma, alma doente
D'alguém que quis amar e nunca amou!

Tôda a noite choraste... e eu chorei
Talvez porque, ao ouvir-te, adivinhei
Que ninguém é mais triste do que nós!

Contaste tanta coisa à noite calma,
Que eu pensei que tu eras a minh'alma
Que chorasse perdida em tua voz!...

DE JOELHOS

«Bem dita seja a mãe que te gerou.»
Bem dito o leite que te fêz crescer.
Bem dito o berço aonde te embalou
A tua alma, p'ra te adormecer!

Bem dita essa canção que acalentou
Da tua vida o doce alvorecer...
Bem dita seja a lua que inundou
De luz, a terra, só para te ver...

Bem ditos sejam todos que te amarem,
As que em volta de ti ajoelharem
Numa grande paixão fervente e louca!

E se mais que eu, um dia, te quiser
Alguém, bem dita seja essa Mulher,
Bem dito seja o beijo dessa bôca!!

LANGUIDEZ

Tardes da minha terra, doce encanto,
Tardes duma pureza d'açucenas,
Tardes de sonho, as tardes de novenas,
Tardes de Portugal, as tardes d'Anto,

Como eu vos quero e amo! Tanto! Tanto!...
Horas bemditas, leves como penas,
Horas de fumo e cinza, horas serenas,
Minhas horas de dor em que eu sou santo!

Fecho as pálpebras roxas, quási pretas,
Que poisam sôbre duas violetas,
Asas leves cansadas de voar...

E a minha bôca tem uns beijos mudos...
E as minhas mãos, uns pálidos veludos,
Traçam gestos de sonho pelo ar...

PARA QUÊ?

Tudo é vaidade neste mundo vão...
Tudo é tristeza; Tudo é pó, é nada!
E mal desponta em nós a madrugada,
Vem logo a noite encher o coração!

Até o amor nos mente, essa canção
Que o nosso peito ri à gargalhada,
Flor que é nascida e logo desfolhada,
Pétalas que se pisam pelo chão!

Beijos d'amor! P'ra quê?!... Tristes vaidades!
Sonhos que logo são realidades,
Que nos deixam a alma como morta!

Só acredita nêles quem é louca!
Beijos d'amor que vão de bôca em bôca,
Como pobres que vão de porta em porta!...

AO VENTO

O vento passa a rir, torna a passar,
Em gargalhadas ásp'ras de demente;
E esta minh'alma trágica e doente
Não sabe se há de rir, se há de chorar!

Vento de voz tristonha, voz plangente,
Vento que ris de mim, sempre a troçar,
Vento que ris do mundo e do amar,
A tua voz tortura tôda a gente!...

Vale-te mais chorar, meu pobre amigo!
Desabafa essa dor a sós comigo,
E não rias assim!... Ó vento, chora!

Que eu bem conheço, amigo, êsse fadário
Do nosso peito ser como um calvário,
E a gente andar a rir p'la vida fora!!...

TÉDIO

Passo pálida e triste. Oiço dizer
«Que branca que ela é! Parece morta!»
E eu que vou sonhando, vaga, absorta,
Não tenho um gesto, ou um olhar sequer...

Que diga o mundo e a gente o que quiser!
—O que é que isso me faz?... O que me importa?..
O frio que trago dentro gela e corta
Tudo que é sonho e graça na mulher!

O que é que me importa?! Essa tristeza
É menos dor intensa que frieza,
É um tédio profundo de viver!

E é tudo sempre o mesmo, eternamente...
O mesmo lago plácido, dormente...
E os dias, sempre os mesmos, a correr...

MINHA TRAGÉDIA

Tenho ódio à luz e raiva à claridade
Do sol, alegre, quente, na subida.
Parece que a minh'alma é perseguida
Por um carrasco cheio de maldade!

Ó minha vã, inútil mocidade
Trazes-me embriagada, entontecida!...
Duns beijos que me destes noutra vida,
Trago em meus lábios roxos, a saudade!...

Eu não gosto do sol, eu tenho medo
Que me leiam nos olhos o segrêdo
De não amar ninguém, de ser assim!

Gosto da Noite imensa, triste, preta,
Como esta estranha e doida borboleta
Que eu sinto sempre a voltejar em mim!...

SEM REMÉDIO

Aquêles que me têm muito amor
Não sabem o que sinto e o que sou...
Não sabem que passou, um dia a Dor,
À minha porta e, nesse dia, entrou.

E é desde então que eu sinto êste pavor,
Êste frio que anda em mim, e que gelou
O que de bom me deu Nosso Senhor!
Se eu nem sei por onde ando e onde vou!!

Sinto os passos da Dor, essa cadência
Que é já tortura infinda, que é demência!
Que é já vontade doida de gritar!

E é sempre a mesma mágoa, o mesmo tédio,
A mesma angústia funda, sem remédio,
Andando atrás de mim, sem me largar...

MAIS TRISTE

É triste, diz a gente, a vastidão
Do Mar imenso! E aquela voz fatal
Com que êle fala, agita o nosso mal!
E a Noite é triste como a Extrêma-Unção!

É triste e dilacera o coração
Um poente do nosso Portugal!
E não vêem que eu sou... eu... afinal,
A coisa mais magoada das que o são?!...

Poentes d'agonia trago-os eu
Dentro de mim e tudo quanto é meu
É um triste poente de amargura!

E a vastidão do Mar, tôda essa água
Trago-a dentro de mim num Mar de Mágoa!
E a Noite sou eu própria! A Noite escura!!

VÈLHINHA

Se os que me viram já cheia de graça
Olharem bem de frente para mim,
Talvez, cheios de dor digam assim:
«Já ela é vélha! Como o tempo passa!...»

Não sei rir e cantar por mais que faça!
Ó minhas mãos talhadas em marfim,
Deixem êsse fio d'oiro que esvoaça!
Deixem correr a vida até ao fim!

Tenho vinte-e-três anos! Sou vèlhinha!
Tenho cabelos brancos e sou crente...
Já murmuro orações... falo sòzinha...

E o bando côr de rosa dos carinhos
Que tu me fazes, olho-os indulgente,
Como se fôsse um bando de nétinhos...

EM BUSCA DO AMOR

O meu Destino disse-me a chorar:
«Pela estrada da Vida vai andando;
E, aos que vires passar, interrogando
Acêrca do Amor que hás de encontrar.»

Fui pela estrada a rir e a cantar,
As contas do meu sonho desfiando...
E noite e dia, à chuva e ao luar,
Fui sempre caminhando e perguntando...

Mesmo a um vèlho eu perguntei: «Vèlhinho
Viste o Amor acaso em teu caminho?»
E o vèlho estremeceu... olhou... e riu...

Agora pela estrada, já cansados
Voltam todos p'ra trás desanimados...
E eu paro a murmurar: «Ninguém o viu!...»

IMPOSSÍVEL

Disseram-me hoje, assim, ao ver-me triste:

«Parece Sexta-feira de Paixão.

Sempre a cismar, cismar, d'olhos no chão,

Sempre a pensar na dor que não existe...

O que é que tem?! Tão nova e sempre triste!

Faça por 'star contente! Pois então?!...»

Quando se sofre o que se diz é vão...

Meu coração, tudo, calado ouviste...

Os meus males ninguém mos adivinha...

A minha Dor não fala, anda sòzinha...

Dissesse ela o que sente! Ai quem me dera!...

Os males d'Anto tôda a gente os sabe!

Os meus... ninguém... A minha Dor não cabe

Nos cem milhões de versos que eu fizera!...

LIVRO DE SÓROR SAÛDADE

(1923)

Irmã, Sórora Saüdade, ah! se eu pudesse
Tocar de aspiração a nossa vida,
Fazer do mundo a Terra Prometida
Que ainda em sonho às vezes me aparece!

AMÉRICO DURÃO.

Il n'a pas à se plaindre celui qui attend
un sentiment plus ardent et plus généreux.
Il n'a pas à se plaindre celui qui attend le
désir d'un peu plus de bonheur, d'un peu plus
de beauté, d'un peu plus de justice.

MAETERLINCK—La Sagesse et la Destinée.

SÓROR SAÛDADE

A Américo Durão.

Irmã, Sórora Saüdade me chamaste...
E na minh'alma o nome iluminou-se
Como um vitral ao sol, como se fôsse
A luz do próprio sonho que sonhaste.

Numa tarde de outono o murmuraste:
Tôda a mágoa do outono êle me trouxe:
Jamais me hão de chamar outro mais doce:
Com êle bem mais triste me tornaste...

E baixinho, na alma de minh'alma,
Como bênção de sol que afaga e acalma,
Nas horas más de febre e de ansiedade,

Como se fôssem pétalas caindo,
Digo as palavras dêsse nome lindo
Que tu me deste: Irmã, Sórora Saüdade...

O NOSSO LIVRO

A A. G.

Livro do meu amor, do teu amor,
Livro do nosso amor, do nosso peito...
Abre-lhe as fôlhas devagar, com geito,
Como se fôessem pétalas de flor.

Olha que eu outro já não sei compor
Mais santamente triste, mais perfeito.
Não esfôlhes os lírios com que é feito
Que outros não tenho em meu jardim de dor!

Livro de mais ninguém! Só meu! Só teu!
Num sorriso tu dizes e digo eu:
Versos só nossos mas que lindos sois!

Ah, meu Amor! Mas quanta, quanta gente
Dirá, fechando o livro docemente:
«Versos só nossos, só de nós os dois!...»

O QUE TU ÉS

És Aquela que tudo te entristece,
Irrita e amargura, tudo humilha;
Aquela a quem a Mágoa chamou filha;
A que aos homens e a Deus nada merece.

Aquela que o sol claro entenebrece,
A que nem sabe a estrada que ora trilha,
Que nem um lindo amor de maravilha
Sequer deslumbra, e ilumina e esquece!

Mar-Morto sem marés nem ondas largas,
A rastejar no chão, como as mendigas,
Todo feito de lágrimas amargas!

És ano que não teve primavera...
Ah! Não seres como as outras raparigas
Ó Princesa Encantada da Quimera!...

FANATISMO

Minh'alma, de sonhar-te, anda perdida,
Meus olhos andam cegos de te ver!
Não és sequer razão do meu viver,
Pois que tu és já tôda a minha vida!

Não vejo nada assim enlouquecida...
Passo no mundo, meu Amor, a ler
No misterioso livro do teu ser
A mesma história tantas vezes lida!

«Tudo no mundo é frágil, tudo passa...»
Quando me dizem isto, tôda a graça
Duma bôca divina fala em mim!

E, olhos postos em ti, digo de-rastros:
«Ah! Podem voar mundos, morrer astros,
Que tu és como Deus: Principio e Fim!...»

ALENTEJANO

Á Buja.

Deu agora meio-dia; o sol é quente
Beijando a urze triste dos outeiros.
Nas ravinas do monte andam ceifeiros
Na faina, alegres, desde o sol nascente.

Cantam as raparigas, brandamente,
Brilham os olhos negros, feiticeiros;
E há perfis delicados e trigueiros
Entre as altas espigas d'oiro ardente.

A terra prende aos dedos sensuais
A cabeleira loira dos trigais
Sob a bênção dulcíssima dos céus.

Há gritos arrastados de cantigas...
E eu sou uma daquelas raparigas...
E tu passas e dizes: «Salve-os Deus!»

FUMO

Longe de ti são ermos os caminhos,
Longe de ti não há luar nem rosas,
Longe de ti há noites silenciosas,
Há dias sem calor, beirais sem ninhos!

Meus olhos são dois véelhos pobrezinhos
Perdidos pelas noites invernosas...
Abertos, sonham mãos cariciosas,
Tuas mãos doces, plenas de carinhos!

Os dias são outonos: choram... choram...
Há crisântemos roxos que descoram...
Há murmúrios dolentes de segredos...

Invoco o nosso sonho! Estendo os braços!
E êle é, ó meu Amor, pelos espaços,
Fumo leve que foge entre os meus dedos!...

QUE IMPORTA?...

Eu era a desdenhosa, a indiferente.
Nunca sentira em mim o coração
Bater em violências de paixão,
Como bate no peito à outra gente.

Agora, olhas-me tu altivamente,
Sem sombra de desejo ou de emoção.
Emquanto as asas loiras da ilusão
Abrem dentro de mim ao sol nascente.

Minh'alma, a pedra, transformou-se em fonte:
Como nascida em carinhoso monte,
Tôda ela é riso e é frescura e graça!

Nela refresca a bôca um só instante...
Que importa?... Se o cansado viandante
Bebe em tôdas as fontes... quando passa?...

MEU ORGULHO

Lembro-me o que fui dantes. Quem me dera
Não me lembrar! Em tardes dolorosas
Eu lembro-me que fui a primavera
Que em muros vélhos fêz nascer as rosas!

As minhas mãos outrora carinhosas.
Pairavam como pombas... Quem soubera
Porque tudo passou e foi quimera,
E porque os muros vélhos não dão rosas!

São sempre os que eu recordo que me esquecem...
Mas digo para mim «não me merecem...»
E já não fico tão abandonada!

Sinto que valho mais, mais pobrezinha:
Que também é orgulho ser sòzinha,
E também é nobreza não ter nada!

OS VERSOS QUE TE FIZ

Deixa dizer-te os lindos versos raros
Que a minha boca tem p'ra te dizer!
São talhados em mármore de Paros
Cinzelados por mim p'ra te oferecer.

Têm dolência de veludos caros,
São como sêdas pálidas a arder...
Deixa dizer-te os lindos versos raros
Que foram feitos p'ra te endoidecer!

Mas, meu Amor, eu não t'os digo ainda...
Que a boca da mulher é sempre linda
Se dentro guarda um verso que não diz!

Amo-te tanto! E nunca te beijei...
E nesse beijo, Amor, que eu te não dei
Guardo os versos mais lindos que te fiz!

FRIEZA

Os teus olhos são frios como as espadas,
E claros como os trágicos punhais;
Têm brilhos cortantes de metais
E fulgores de lâminas geladas.

Vejo nêles imagens retratadas
De abandonos cruéis e desleais,
Fantásticos desejos irreais,
E todo o oiro e o sol das madrugadas!

Mas não te invejo, Amor, essa indiferença,
Que viver neste mundo sem amar
É pior que ser cego de nascença!

Tu invejas a dor que vive em mim!
E quanta vez dirás a soluçar:
«Ah! Quem me dera, Irmã amar assim...»

O MEU MAL

A meu Irmão.

Eu tenho lido em mim, sei-me de cor,
Eu sei o nome ao meu estranho mal:
Eu sei que fui a renda dum vitral,
Que fui cipreste e caravela e dor!

Fui tudo que no mundo há de maior;
Fui cisne e lírio e águia e catedral!
E fui, talvez, um verso de Nerval,
Ou um cínico riso de Chamfort...

Fui a heráldica flor de agrestes cardos,
Deram as minhas mãos aroma aos nardos...
Deu côr ao eloendro a minha bôca...

Ah! De Boabdil fui lágrima na Espanha!
E foi de lá que eu trouxe esta ânsia estranha!
Mágoa não sei de quê! Saudade louca!

A NOITE DESCE

Como pálpebras roxas que tombassem
Sôbre uns olhos cansados, carinhosas,
A noite desce... Ah! doces mãos piedosas
Que os meus olhos tristíssimos fechassem!

Assim mãos de bondade me embalassem!
Assim me adormecessem, caridosas,
E em braçadas de lírios e mimosas,
No crepúsculo que desce me enterrassem!

A noite em sombra e fumo se desfaz...
Perfume de baunilha ou de lilaz,
A noite põe-me embriagada, louca!

E a noite vai descendo muda e calma...
Meu doce Amor, tu beijas a minh'alma
Beijando nesta hora a minha bôca!

CARAVELAS

Ceguei a meio da vida já cansada
De tanto caminhar! Já me perdi!
Dum estranho pais que nunca vi
Sou neste mundo imenso a exilada.

Tanto tenho aprendido e não sei nada.
E as tórreres de marfim que construí
Em trágica loucura as destruí
Por minhas próprias mãos de malfadada!

Se eu sempre fui assim êste Mar Morto:
Mar sem marés, sem vagas e sem pôrto
Onde velas de sonhos se rasgaram!

Caravelas doiradas a bailar...
Ai, quem me dera as que eu deitei ao Mar!
As que eu lancei à vida e não voltaram!...

INCONSTÂNCIA

Procurei o amor, que me mentiu.
Pedi à Vida mais do que ela dava;
Eterna sonhadora edificava
Meu castelo de luz que me caiu!

Tanto clarão nas trevas refulgiu,
E tanto beijo a bôca me queimava!
E era o sol que os longes deslumbrava
Igual a tanto sol que me fugiu!

Passei a vida a amar e a esquecer...
Atrás do sol dum dia outro a aquecer
As brumas dos atalhos por onde ando...

E êste amor que assim me vai fugindo
É igual a outro amor que vai surgindo,
Que há de partir também... nem eu sei quando...

O NOSSO MUNDO

Eu bebo a Vida, a Vida, a longos tragos
Como um divino vinho de Falerno!
Poisando em ti o meu olhar eterno
Como poisam as fôlhas sôbre os lagos...

Os meus sonhos agora são mais vagos...
O teu olhar em mim, hoje é mais terno...
E a Vida já não é o rubro inferno
Todo fantasmas tristes e presagos!

A Vida, meu Amor, quero vivê-la!
Na mesma taça erguida em tuas mãos.
Bôcas unidas hemos de bebê-la!

Que importa o mundo e as ilusões defuntas?...
Que importa o mundo e seus orgulhos vãos?...
O mundo, Amor!... As nossas bôcas juntas!...

PRINCE CHARMANT...

A Raúl Proença.

No lânguido esmaecer das amorosas
Tardes que morrem voluptuosamente
Procurei-O no meio de tôda a gente.
Procurei-O em horas silenciosas!

Ó noites da minh'alma tenebrosas!
Bôcas sangrando beijos, flor que sente...
Olhos postos num sonho, humildemente...
Mãos cheias de violetas e de rosas...

E nunca O encontrei!... Prince Charmant...
Como audaz cavaleiro em vélhas lendas
Virá, talvez, nas névoas da manhã!

Em tôda a nossa vida anda a quimera
Tecendo em frágeis dedos frágeis rendas...
—Nunca se encontra Aquêle que se espera...—

ANOITECER

A luz desmaia num fulgor d'aurora,
Diz-nos adeus religiosamente...
E eu que não creio em nada, sou mais crente
Do que em menina, um dia, o fui... outrora...

Não sei o que em mim ri, o que em mim chora,
Tenho bênçãos d'amor p'ra tôda a gente!
E a minha alma sombria e penitente
Soluça no infinito desta hora...

Horas tristes que são o meu rosário...
Ó minha cruz de tão pesado lenho!
Ó meu áspero e intérmino Calvário!

E a esta hora tudo em mim revive:
Saüdades de saüdades que não tenho...
Sonhos que são os sonhos dos que eu tive...

ESFINGE

Sou filha da charneca erma e selvagem:
Os giestais, por entre os rosmaninhos,
Abrindo os olhos d'oiro, p'los caminhos,
Desta minh'alma ardente são a imagem.

E ansiosa desejo—ó vã miragem—
Que tu e eu, em beijos e carinhos.
Eu a Charneca, e tu o Sol, sòzinhos,
Fôssemos um pedaço da païsagem!

E à noite, à hora doce da ansiedade,
Ouviria da bôca do luar
O *De Profundis* triste da saüdade...

E, à tua espera, enquanto o mundo dorme,
Ficaria, olhos quietos, a cismar...
Esfinge olhando, na planície enorme...

TARDE DEMAIS

Quando chegaste emfim, para te ver
Abriu-se a noite em mágico luar;
E p'ra o som de teus passos conhecer
Pôs-se o silêncio, em volta, a escutar...

Chegaste, emfim! Milagre de endoidar!
Viu-se nessa hora o que não pode ser:
Em plena noite, a noite iluminar
E as pedras do caminho florescer!

Beijando a areia d'oiro dos desertos
Procurara-te em vão! Braços abertos,
Pés nus, olhos a rir, a bôca em flor!

E há cem anos que eu era nova e linda!...
E a minha bôca morta grita ainda:
Porque chegaste tarde, ó meu Amor?!...

CINZENTO

Poeiras de crepúsculos cinzentos.
Lindas rendas velhinhas, em pedaços,
Prendem-se aos meus cabelos, aos meus braços,
Como brancos fantasmas, sonolentos...

Monges soturnos deslizando lentos,
Devagarinho, em misteriosos passos...
Perde-se a luz em lânguidos cansaços...
Ergue-se a minha cruz dos desalentos!

Poeiras de crepúsculos tristonhos,
Lembram-me o fumo leve dos meus sonhos,
A névoa das saudades que deixaste!

Hora em que o teu olhar me deslumbrou...
Hora em que a tua boca me beijou...
Hora em que fumo e névoa te tornaste...

NOTURNO

Amor! Anda o luar, todo bondade,
Beijando a terra, a desfazer-se em luz...
Amor! São os pés brancos de Jesus
Que andam pisando as ruas da cidade!

E eu ponho-me a pensar... Quanta saüdade
Das ilusões e risos que em ti pus!
Traçaste em mim os braços duma cruz,
Nêles pregaste a minha mocidade!

Minh'alma, que eu te dei, cheia de mágoas,
É nesta noite o nenúfar dum lago
Estendendo as asas brancas sôbre as águas!

Poisa as mãos nos meus olhos, com carinho,
Fecha-os num beijo dolorido e vago...
E deixa-me chorar devagarinho...

MARIA DAS QUIMERAS

Maria das Quimeras me chamou
Alguém... Pelos castelos que eu ergui,
P'las flores d'oiro e azul que a sol teci
Numa tela de sonho que estalou.

Maria das Quimeras me ficou;
Com elas na minh'alma adormeci.
Mas, quando despertei, nem uma vi,
Que da minh'alma, Alguém, tudo levou!

Maria das Quimeras, que fim deste
Ás flores d'oiro e azul que a sol bordaste,
Aos sonhos tresloucados que fizeste?

Pelo mundo, na vida, o que é que esperas?...
Aonde estão os beijos que sonhaste,
Maria das Quimeras, sem quimeras?

SAÜDADES

Saüdades! Sim... talvez... e porque não?...

Se o nosso sonho foi tão alto e forte

Que bem pensara vê-lo até à morte

Deslumbrar-me de luz o coração!

Esquecer! Para quê?... Ah, como é vão!

Que tudo isso, Amor, nos não importe.

Se êle deixou beleza que conforto

Deve-nos ser sagrado como o pão!

Quantas vezes, Amor, já te esqueci,

Para mais doidamente me lembrar,

Mais doidamente me lembrar de ti!

E quem dera que fôsse sempre assim:

Quanto menos quisesse recordar

Mais a saüdade andasse prêsa a mim!



RUÍNAS

Se é sempre outono o rir das primaveras,
Castelos, um a um deixa-os cair...
Que a vida é um constante derruir
De palácios do Reino das Quimeras!

E deixa sôbre as ruínas crescer heras.
Deixa-as beijar as pedras e florir!
Que a vida é um continuo destruir
De palácios do Reino das Quimeras!

Deixa tombar meus rútilos castelos!
Tenho ainda mais sonhos para erguê-los
Mais altos do que as águias pelo ar!

Sonhos que tombam! Derrocada louca!
São como os beijos duma linda bôca!
Sonhos!... Deixa-os tombar... deixa-os tombar...

CREPÚSCULO

Teus olhos, borboletas de oiro, ardentes
Borboletas de sol, de asas magoadas.
Poisam nos meus, suaves e cansadas,
Como em dois lírios roxos e dolentes...

E os lírios, fecham... Meu amor não sentes?
Minha bôca tem rosas desmaiadas,
E as minhas pobres mãos são maceradas
Como vagas saúdades de doentes...

O silêncio abre as mãos... entorna rosas...
Andam no ar carícias vaporosas
Como pálidas sêdas, arrastando...

E a tua bôca rubra ao pé da minha
É na suavidade da tardinha
Um coração ardente, palpitando...

ÓDIO?

À Aurora Aboim.

Ódio por êle? Não... Se o amei tanto,
Se tanto bem lhe quis no meu passado.
Se o encontrei depois de o ter sonhado,
Se à vida assim roubei todo o encanto...

Que importa se mentiu? E se hoje o pranto
Turva o meu triste olhar, marmorizado,
Olhar de monja, trágico, gelado,
Como um soturno e enorme Campo Santo!

Ah! Nunca mais amá-lo é já bastante!
Quero senti-lo doutra, bem distante,
Como se fôra meu, calma e serena!

Ódio seria em mim saüdade infinda,
Mágoa de o ter perdido, amor ainda.
Ódio por êle? Não... não vale a pena...

RENÚNCIA

A minha mocidade outrora eu pus
No tranqüilo convento da tristeza;
Lá passa dias, noites, sempre prêsa,
Olhos fechados, magras mãos em cruz...

Lá fora, a Lua, Satanaz, seduz!
Desdobra-se em requintes de Beleza...
É como um beijo ardente a Natureza...
A minha cela é como um rio de luz...

Fecha os teus olhos bem! Não vejas nada!
Empalidece mais! E, resignada,
Prende os teus braços a uma cruz maior!

Gela ainda a mortalha que te encerra!
Enche a bôca de cinzas e de terra,
Ó minha mocidade tôda em flor!

A VIDA

É vão o amor, o ódio, ou o desdém;
Inútil o desejo e o sentimento...
Lançar um grande amor aos pés d'alguém
O mesmo é que lançar flores ao vento!

Todos somos no mundo um «Pedro Sem»,
Uma alegria é feita dum tormento,
Um riso é sempre o eco dum lamento,
Sabe-se lá um beijo donde vem!

A mais nobre ilusão morre... desfaz-se...
Uma saüdade morta em nós renasce
Que no mesmo momento é já perdida...

Amar-te a vida inteira eu não podia.
A gente esquece sempre o bem dum dia.
Que queres, meu Amor, se é isto a vida!...

HORAS RUBRAS

Horas profundas, lentas e caladas
Feitas de beijos sensuais e ardentes,
De noites de volúpia, noites quentes
Onde há risos de virgens desmaiadas...

Oiço as olaias rindo desgrenhadas...
Tombam astros em fogo, astros dementes.
E do luar os beijos languescentes
São pedaços de prata p'las estradas...

Os meus lábios são brancos como lagos...
Os meus braços são leves como afagos,
Vestiu-os o luar de sêdas puras...

Sou chama e neve branca e misteriosa...
E sou, talvez, na noite voluptuosa,
Ó meu Poeta, o beijo que procuras!

SUAVIDADE

Poisa a tua cabeça dolorida
Tão cheia de quimeras, de ideal,
Sôbre o regaço branco e maternal
Da tua doce Irmã compadecida.

Hás de contar-me nessa voz tão qu'rida
A tua dor que julgas sem igual,
E eu, p'ra te consolar, direi o mal
Que à minha alma profunda fêz a Vida.

E há de adormecer nos meus joelhos...
E os meus dedos enrugados, vélhos,
Hão de fazer-se leves e suaves...

Hão de pousar-se num fervor de crente.
Rosas brancas tombando docemente,
Sôbre o teu rosto, como penas d'aves...

PRINCESA DESALENTO

Minh'alma é a Princesa Desalento,
Como um Poeta lhe chamou, um dia.
É magoada e pálida e sombria,
Como soluços trágicos do vento!

É frágil como o sonho dum momento;
Soturna como preces de agonia,
Vive do riso numa boca fria:
Minh'alma é a Princesa Desalento...

Altas horas da noite ela vagueia...
E ao luar suavíssimo, que anseia,
Põe-se a falar de tanta coisa morta!

O luar ouve a minh'alma, ajoelhado,
E vai traçar, fantástico e gelado,
A sombra numa cruz à tua porta...

SOMBRA

De olheiras roxas, roxas, quási pretas,
De olhos límpidos, doces, languescentes,
Lagos em calma, pálidos, dormentes.
Onde se debruçassem violetas...

De mãos esguias, finas hastes quietas,
Que o vento não baloiça em noites quentes...
Nocturno de Chopin... risos dolentes...
Versos tristes em sonhos de Poetas...

Beijo doce de aromas perturbantes...
Rosal bemdito que dá rosas... Dantes
Esta era Eu e Eu era a Idolatrada!...

Oh tanta cinza morta... o vento a leve!
Vou sendo agora em ti a sombra leve
D'alguém que dobra a curva duma estrada...

HORA QUE PASSA

Vejo-me triste, abandonada e só
Bem como um cão sem dono e que o procura,
Mais pobre e desprezada do que Job
A caminhar na via da amargura!

Judeu Errante que a ninguém faz dó!
Minh'alma triste, dolorida e escura,
Minh'alma sem amor é cinza e pó,
Vaga roubada ao Mar da Desventura!

Que tragédia tão funda no meu peito!...
Quanta ilusão morrendo que esvoaça!
Quanto sonho a nascer e já desfeito!

Deus! Como é triste a hora quando morre...
O instante que foge, vôa, e passa...
Fiozinho d'água triste... a vida corre...

DA MINHA JANELA

Mar alto! Ondas quebradas e vencidas
Num soluçar aflito e murmurado...
Vôo de gaivotas, leve, imaculado,
Como neves nos píncaros nascidas!

Sol! Ave a tombar, asas já feridas,
Batendo ainda num arfar pausado...
Ó meu doce poente torturado
Rezo-te em mim, chorando, mãos erguidas!

Meu verso de Samain cheio de graça,
'Inda não és clarão já és luar
Como um branco lilaz que se desfaça!

Amor! Teu coração trago-o no peito...
Pulsa dentro de mim como êste mar
Num beijo eterno, assim, nunca desfeito!...

SOL POENTE

Tardinha... «Ave Maria, Mãe de Deus...»

E reza a voz dos sinos e das noras...

O sol que morre tem clarões d'auroras,

Águia que bate as asas pelos céus!

Horas que tem a côr dos olhos teus...

Horas evocadoras doutras horas...

Lembranças de fantásticos outroras,

De sonhos que não tenho e que eram meus!

Horas em que as saüdades, p'las estradas

Inclinam as cabeças mart'risadas

E ficam pensativas... meditando...

Morrem verbenas silenciosamente...

E o rubro sol da tua bôca ardente

Vai-me a pálida bôca desfolhando...



EXALTAÇÃO

Viver!... Beber o vento e o sol!... Erguer
Ao céu os corações a palpar!
Deus fêz os nossos braços p'ra prender,
E a bôca fêz-se sangue p'ra beijar!

A chama, sempre rubra, ao alto a arder!...
Asas sempre perdidas a pairar,
Mais alto para as estrêlas desprender!...
A glória!... A fama!... O orgulho de criar!...

Da vida tenho o mel e tenho os travos
No lago dos meus olhos de violetas,
Nos meus beijos extáticos, pagãos!...

Trago na bôca o coração dos cravos!
Boémios, vagabundos, e poetas:
—Como eu sou vossa Irmã, ó meus Irmãos!...

CHARNECA EM FLOR

*Amar, amar, amar, amar, siempre y con todo
El ser y con la tierra y con el cielo,
Con lo claro del sol y lo obscuro del lodo,
Amar por toda ciencia y amar por todo anhelo.*

*Y cuando la montaña de la vida
Nos sea dura y larga, y alta, y llena de abismos,
Amar la inmensidad, que es de amor encendida,
Y arder en la fusión de nuestros pechos mismos...*

RUBÉN

DARÍO.

CHARNECA EM FLOR

Enche o meu peito, num encanto mago,
O frémito das coisas dolorosas...
Sob as urzes queimadas nascem rosas...
Nos meus olhos as lágrimas apago...

Anseio! Asas abertas! O que trago
Em mim? Eu oiço bôcas silenciosas
Murmurar-me as palavras misteriosas
Que perturbam meu ser como um afago!

E, nesta febre ansiosa que me invade,
Dispo a minha mortalha, o meu burel,
E, já não sou, Amor, Sórora Saüdade...

Olhos a arder em êxtases de amor,
Bôca a saber a sol, a fruto, a mel:
Sou a charneca rude a abrir em flor!

VERSOS DE ORGULHO

O mundo quer' me mal porque ninguém
Tem asas como eu tenho! Porque Deus
Me fêz nascer Princesa entre plebeus
Numa tôrre de orgulho e de desdém.

Porque o meu Reino fica para além...
Porque trago no olhar os vastos céus
E os oiros e clarões são todos meus!
Porque eu sou Eu e porque Eu sou Alguém!

O mundo? O que é o mundo, ó meu Amor?
—O jardim dos meus versos todo em flor...
A seara dos teus beijos, pão bemdito...

Meus êxtases, meus sonhos, meus cansaços...
—São os teus braços dentro dos meus braços
Via-láctea fechando o Infinito.

RÚSTICA

Ser a moça mais linda do povoado,
Pisar, sempre contente, o mesmo trilho,
Ver descer sôbre o ninho aconchegado
A bênção do Senhor em cada filho.

Um vestido de chita bem lavado,
Cheirando a alfavaca e a tomilho...
Com o luar matar a sede ao gado,
Dar às pombas o sol num grão de milho...

Ser pura como a água da cisterna,
Ter confiança numa vida eterna
Quando descer à «terra da verdade»...

Meu Deus, dai-me esta calma, esta pobreza!
Dou por elas meu trono de Princesa,
E todos os meus Reinos de Ansiedade.

REALIDADE

Em ti o meu olhar fêz-se alvorada
E a minha voz fêz-se gorjeio de ninho...
E a minha rubra bôca apaixonada
Teve a frescura pálida do linho...

Embriagou-me o teu beijo como um vinho
Fulvo de Espanha, em taça cinzelada...
E a minha cabeleira desatada
Pôs a teus pés a sombra dum caminho...

Minhas pálpebras são côr de verbena,
Eu tenho os olhos garços, sou morena,
E para te encontrar foi que eu nasci...

Tens sido vida fora o meu desejo
E agora, que te falo, que te vejo,
Não sei se te encontrei... se te perdi...

CONTO DE FADAS

Eu trago-te nas mãos o esquecimento
Das horas más que tens vivido, Amor!
E para as tuas chagas o unguento
Com que sarei a minha própria dor.

Os meus gestos são ondas de Sorrento...
Trago no nome as letras duma flor...
Foi dos meus olhos garços que um pintor
Tirou a luz para pintar o vento...

Dou-te o que tenho: o astro que dormita,
O manto dos crepúsculos da tarde,
O sol que é de oiro, a onda que palpita.

Dou-te, comigo, o mundo que Deus fêz!
—Eu sou Aquela de quem tens saúde,
A princesa do conto: «Era uma vez...»

A UM MORIBUNDO

Não tenhas medo, não! Tranqüilamente,
Como adormece a noite pelo Outono,
Fecha os teus olhos, simples, docemente,
Como, à tarde, uma pomba que tem sono...

A cabeça reclina levemente
E os braços deixa-os ir ao abandôno,
Como tombam, arfando, ao sol poente,
As asas de uma pomba que tem sono...

O que há depois? Depois?... O azul dos céus?
Um outro mundo? O eterno nada? Deus?
Um abismo? Um castigo? Uma guarida?

Que importa? Que te importa, ó moribundo?
—Seja o que fôr, será melhor que o mundo!
Tudo será melhor do que esta vida!...

EU

Até agora eu não me conhecia.
Julgava que era Eu e eu não era
Aquela que em meus versos descrevera
Tão clara como a fonte e como o dia.

Mas que eu não era Eu não o sabia
E, mesmo que o soubesse, o não dissera...
Olhos fitos em rútila quimera
Andava atrás de mim... e não me via!

Andava a procurar-me—pobre louca!—
E achei o meu olhar no teu olhar,
E a minha boca sôbre a tua boca!

E esta ânsia de viver, que nada acalma,
É a chama da tua alma a esbrasear
As apagadas cinzas da minha alma!

PASSEIO AO CAMPO

Meu amor! Meu Amante! Meu amigo!
Colhe a hora que passa, hora divina,
Bebe-a dentro de mim, bebe-a comigo!
Sinto-me alegre e forte! Sou menina!

Eu tenho, Amor, a cinta esbelta e fina...
Pele Doirada de alabastro antigo...
Frágeis mãos de madona florentina...
—Vamos correr e rir por entre o trigo!—

Há rendas de gramíneas pelos montes...
Papoilas rubras nos trigais maduros...
Água azulada a cintilar nas fontes...

E à volta, Amor... tornemos, nas Alfombras
Dos caminhos selvagens e escuros,
Num astro só as nossas duas sombras!...

TARDE NO MAR

A tarde é de oiro rútilo: esbraseia
O horizonte: um cacto purpurino.
E a vaga esbelta que palpita e ondeia,
Com uma frágil graça de menino,

Poisa o manto de arminho na areia
E lá vai, e lá segue o seu destino!
E o sol, nas casas brancas que incendeia,
Desenha mãos sangrentas de assassino!

Que linda tarde aberta sôbre o mar!
Vai deitando do céu molhos de rosas
Que Apolo se entretém a desfolhar...

E, sôbre mim, em gestos palpitantes,
As tuas mãos morenas, milagrosas,
São as asas do sol, agonizantes...

SE TU VIÉSSES VER-ME...

Se tu viesses ver-me hoje à tardinha,
A essa hora dos mágicos cansaços,
Quando a noite de manso se avizinha,
E me prendesses tôda nos teus braços...

Quando me lembra: êsse sabor que tinha
A tua bôca... o eco dos teus passos...
O teu riso de fonte... os teus abraços...
Os teus beijos... a tua mão na minha...

Se tu viesses quando, linda e louca,
Traça as linhas dulcíssimas dum beijo
E é de sêda vermelha e canta e ri

E é como um cravo ao sol a minha bôca...
Quando os olhos se me cerram de desejo...
E os meus braços se estendem para ti...

MISTÉRIO

Gosto de ti, ó chuva, nos beirados,
Dizendo coisas que ninguém entende!
Da tua cantilena se desprende
Um sonho de magia e de pecados,

Dos teus pálidos dedos delicados
Uma alada canção palpita e ascende,
Frases que a nossa bôca não aprende,
Murmúrios por caminhos desolados.

Pelo meu rosto branco, sempre frio,
Fazes passar o lúgubre arrepio
Das sensações estranhas, dolorosas...

Talvez um dia entenda o teu mistério...
Quando, inerte, na paz do cemitério,
O meu corpo matar a fome às rosas!

O MEU CONDÃO

Quis Deus dar-me o condão de ser sensível
Como o diamante à luz que o alumia,
Dar-me uma alma fantástica, impossível:
—Um bailado de côr e fantasia!

Quis Deus fazer de ti a ambrosia
Desta paixão estranha, ardente, incrível!
Erguer em mim o facho inextinguível,
Como um cinzel vincando uma agonia!

Quis Deus fazer-me tua... para nada!
—Vãos, os meus braços de crucificada,
Inúteis, êsses beijos que te dei!

Anda! Caminha! Aonde?... Mas por onde?
Se a um gesto dos teus a sombra esconde
O Caminho de estrêlas que tracei...

AS MINHAS MÃOS

As minhas mãos magritas, afiladas,
Tão brancas como a água da nascente,
Lembram pálidas rosas entornadas
Dum regaço de Infanta do Oriente.

Mãos de ninfa, de fada, de vivente,
Pobrezinhas em sêdas enroladas,
Virgens mortas em luz amortalhadas
Pelas próprias mãos de oiro do sol-poente.

Magras e brancas... Foram assim feitas...
Mãos de enjeitada porque tu me enjeitas...
Tão doces que elas são! Tão a meu gôsto!

P'ra que as quero eu—Deus!—P'ra que as quero eu?!
Ó minhas mãos, aonde está o céu?
...Aonde estão as linhas do teu rosto?

NOITINHA

A noite sôbre nós se debruçou...
Minha alma ajoelha, põe as mãos e ora!
O luar, pelas colinas, nesta hora,
É a água dum gomil que se entornou...

Não sei quem tanta pérola espalhou!
Murmura alguém pelas quebradas fora...
Flores do campo, humildes, mesmo agora,
A noite, os olhos brandos, lhes fechou...

Fumo beijando o colmo dos casais...
Serenidade idílica de fontes,
E a voz dos rouxinóis nos salgueirais...

Tranqüilidade... calma... anoitecer...
Num êxtase, eu escuto pelos montes
O coração das pedras a bater...

LEMBRANÇA

Fui Essa que nas ruas esmolou
E fui a que habitou Paços Reais;
No mármore de curvas ogivais
Fui Essa que as mãos pálidas poisou...

Tanto poeta em versos me cantou!
Fiei o linho à porta dos casais...
Fui descobrir a Índia e nunca mais
Voltei! fui essa nau que não voltou...

Tenho o perfil moreno, lusitano,
E os olhos verdes, côm do verde Oceano,
Sereia que nasceu de navegantes...

Tudo em cinzentas brumas se dilui...
Ah, quem me dera ser Essas que eu fui,
As que me lembro de ter sido... dantes!...

A NOSSA CASA

A nossa casa, Amor, a nossa casa!
Onde está ela, Amor, que não a vejo?
Na minha doida fantasia em brasa
Constrói-a num instante, o meu desejo!

Onde está ela, Amor, a nossa casa,
O bem que neste mundo mais invejo?
O brando ninho aonde o nosso beijo
Será mais puro e doce que uma asa?

Sonho... que eu e tu, dois pobrezinhos,
Andamos de mãos dadas, nos caminhos
Duma terra de rosas, num jardim,

Num país de ilusão que nunca vi...
E que eu moro—tão bom,—dentro de ti
E tu, ó meu Amor, dentro de mim...

MENDIGA

Na vida nada tenho e nada sou;
Eu ando a mendigar pelas estradas...
No silêncio das noites estreladas
Caminho, sem saber para onde vou!

Tinha o manto do sol... quem m'o roubou?!
Quem pisou minhas rosas desfolhadas?!
Quem foi que sôbre as ondas revoltadas
A minha taça de oiro espedaçou?!

Agora vou andando e mendigando,
Sem que um olhar dos mundos infinitos
Veja passar o verme, rastejando...

Ah, quem me dera ser como os chacais
Uivando os brados, rouquejando os gritos
Na solidão dos ermos matagais!...

SUPREMO ENLEIO

Quanta mulher no teu passado, quanta!
Tanta sombra em redor! Mas que me importa?
Se delas veio o sonho que conforta,
A sua vinda foi três vezes santa!

Erva do chão que a mão de Deus levanta,
Fôlhas murchas de rojo à tua porta...
Quando eu fôr uma pobre coisa morta,
Quanta mulher ainda! Quanta! Quanta!

Mas eu sou a manhã: apago estrêlas!
Hás de ver-me, beijar-me em tôdas elas,
Mesmo na bôca da que fôr mais linda!

E quando a derradeira, enfim, vier,
Nesse corpo vibrante de mulher
Será o meu que há de encontrar ainda...

TOLEDO

Diluído numa taça de oiro a arder
Toledo é um rubi. E hoje é só nosso!
O sol a rir... Viv'alma... Não esboço
Um gesto que me não sinta esvaecer...

As tuas mãos tateiam-me a tremer...
Meu corpo de âmbar, harmonioso e moço
É como um jasmineiro em alvoroço
Ébrio de sol, de aroma, de prazer!

Cerro um pouco o olhar onde subsiste
Um romântico apêlo vago e mudo,
—Um grande amor é sempre grave e triste.

Flameja ao longe o esmalte azul do Tejo...
Uma tórre ergue ao céu um grito agudo...
Tua bôca desfolha-me num beijo...

OUTONAL

Caem as fôlhas mortas sôbre o lago:
Na penumbra outonal, não sei quem tece
As rendas do silêncio... Olha, anoitece!
—Brumas longínquas do País do Vago...

Veludos a ondear... Mistério mago...
Encantamento... A hora que não esquece,
A luz que a pouco e pouco desfalece,
Que lança em mim a bênção dum afago...

Outono dos crepúsculos doirados,
De púrpuras, damascos e brocados!
—Vestes a terra inteira de esplendor!

Outono das tardinhas silenciosas,
Das magníficas noites voluptuosas
Em que eu soluço a delirar de amor...

SER POETA

Ser poeta é ser mais alto, é ser maior
Do que os homens! Morder como quem beija!
É ser mendigo e dar como quem seja
Rei do Reino de Aquém e de Além Dor!

É ter de mil desejos o esplendor
E não saber sequer que se deseja!
É ter cá dentro um astro que flameja,
É ter garras e asas de condor!

É ter fome, é ter sede de Infinito!
Por elmo, as manhãs de oiro e de setim...
É condensar o mundo num só grito!

E é amar-te, assim, perdidamente...
É seres alma e sangue e vida em mim
E dizê-lo cantando a tôda gente!

ALVORECER

A noite empalidece. Alvorecer...
Ouve-se mais o gargalhar da fonte...
Sôbre a cidade muda, o horizonte
É uma orquídea estranha a florescer.

Há andorinhas prontas a dizer
A missa d'alva, mal o sol desponte.
Gritos de galos soam monte em monte
Numa intensa alegria de viver.

Passos ao longe... um vulto que se esvai...
Em cada sombra Colombina trai...
Anda o silêncio em volta a qu'rer falar...

E o luar que desmaia, macerado,
Lembra, pálido, tonto, esfarrapado,
Um Pierrot, todo branco, a soluçar...

MOCIDADE

A mocidade esplêndida, vibrante,
Ardente, extraordinária, audaciosa,
Que vê num cardo a fôlha duma rosa,
Na gota de água o brilho dum diamante:

Essa que fêz de mim Judeu Errante
Do espírito, a torrente caudalosa,
Dos vendavais irmã tempestuosa,
—Trago-a em mim vermelha, triunfante!

No meu sangue rubis correm dispersos:
—Chamas subindo ao alto nos meus versos,
Papoilas nos meus lábios a florir!

Ama-me doida, estonteadoramente,
Ó meu Amor! que o coração da gente
É tão pequeno... e a vida, água a fugir...

AMAR!

Eu quero amar, amar perdidamente!
Amar só por amar: Aqui... além...
Mais Êste e Aquêle, o Outro e tôda a gente...
Amar! Amar! E não amar ninguém!

Recordar? Esquecer? Indiferente!...
Prender ou desprender? É mal? É bem?
Quem disser que se pode amar alguém
Durante a vida inteira é porque mente!

Há uma primavera em cada vida:
É preciso cantá-la assim florida,
Pois se Deus nos deu voz, foi p'ra cantar!

E se um dia hei de ser pó, cinza e nada
Que seja a minha noite uma alvorada,
Que me saiba perder... p'ra me encontrar...

NOSTALGIA

Nesse País de lenda, que me encanta,
Ficaram meus brocados, que despi,
E as jóias que p'las aias reparti
Como outras rosas da Rainha Santa!

Tanta opala que eu tinha! Tanta, tanta!
Foi por lá que as semeei e que as perdi...
Mostrem-me êsse País onde eu nasci!
Mostrem-me o Reino de que eu sou Infanta!

Ó meu País de sonho e de ansiedade,
Não sei se esta quimera que me assombra,
É feita de mentira ou de verdade!

Quero voltar! Não sei por onde vim...
Ah! Não ser mais que a sombra duma sombra
Por entre tanta sombra igual a mim!

AMBICIOSA

Para aquêles fantasmas que passaram,
Vagabundos a quem jurei amar,
Nunca os meus braços lânguidos traçaram
O vôo dum gesto para os alcançar...

Se as minhas mãos em garra se cravaram
Sôbre um amor em sangue a palpitar...
—Quantas panteras bárbaras mataram
Só pelo raro gôsto de matar!

Minha alma é como a pedra funerária
Erguida na montanha solitária
Interrogando a vibração dos céus!

O amor dum homem?—Terra tão pisada
Gota de chuva ao vento baloiçada...
Um homem?—Quando eu sonho o amor dum Deus!...

CRUCIFICADA

Amiga... noiva... irmã... o que quiseres!
Por ti, todos os céus terão estrêlas,
Por teu amor, mendiga, hei de merecê-las
Ao beijar a esmola que me deres.

Podes amar até outras mulheres!
—Hei de compor, sonhar palavras belas,
Lindos versos de dor só para elas,
Para em lânguidas noites lhes dizeres!

Crucificada em mim, sôbre os meus braços,
Hei de poisar a bôca nos teus passos
P'ra não serem pisados por ninguém.

E depois... Ah! Depois de dores tamanhas
Nascerás outra vez de outras entranhas,
Nascerás outra vez de uma outra Mãe!

ESPERA...

Não me digas adeus, ó sombra amiga,
Abrandando mais o ritmo dos teus passos:
Sente o perfume da paixão antiga,
Dos nossos bons e cândidos abraços.

Sou a dona dos místicos cansaços,
A fantástica e estranha rapariga
Que um dia ficou presa nos teus braços...
Não vás ainda embora, ó sombra amiga!

Teu amor fez de mim um lago triste:
Quantas ondas a rir que não lhe ouviste,
Quanta canção de ondinas lá no fundo!

Espera... espera... ó minha sombra amada...
Vê que p'ra além de mim já não há nada
E nunca mais me encontras neste mundo!...

INTERROGAÇÃO

Neste tormento inútil, neste empenho
De tornar em silêncio o que em mim canta,
Sobem-me roucos brados à garganta
Num clamor de loucura que contenho.

Ó alma da charneca sacrosanta,
Irmã da alma rútila que eu tenho,
Dize para onde vou, donde é que venho
Nesta dor que me exalta e me alevanta!

Visões de mundos novos, de infinitos,
Cadências de soluços e de gritos,
Fogueira a esbrasear que me consome!

Dize que mão é esta que me arrasta?
Nódoa de sangue que palpita e alastra...
Dize de que é que eu tenho sede e fome?!

VOLÚPIA

No divino impudor da mocidade,
Nesse êxtase pagão que vence a sorte,
Num frémito vibrante de ansiedade,
Dou-te o meu corpo prometido à morte!

A sombra entre a mentira e a verdade...
A nuvem que arrastou o vento norte...
—Meu corpo! Trago nêlé um vinho forte:
Meus beijos de volúpia e de maldade!

Trago dálias vermelhas no regaço...
São os dedos do sol quando te abraço,
Cravados no teu peito como lanças!

E do meu corpo os leves arabescos
Vão-te envolvendo em círculos dantescos
Felinamente, em voluptuosas danças...

FILTRO

Meu amor, não é nada:—Sons marinhos
Numa concha vasia, chôro errante...
Ah, olhos que não choram! Pobrezinhos...
Não há luz neste mundo que os levante!

Eu andarei por ti os maus caminhos
E as minhas mãos, abertas a diamante,
Hão de crucificar-se nos espinhos
Quando o meu peito fôr o teu mirante!

Para que corpos vis te não desejem,
Hei de dar-te o meu corpo, e a bôca minha
P'ra que bôcas impuras te não beijem!

Como quem roça um lago que sonhou,
Minhas cansadas asas de andorinha
Hão de prender-te todo num só vôo...

MAIS ALTO

Mais alto, sim! mais alto, mais além
Do sonho, onde morar a dor da vida,
Até sair de mim! Ser a Perdida,
A que se não encontra! Aquela a quem

O mundo não conhece por Alguém!
Ser orgulho, ser águia na subida,
Até chegar a ser, entontecida,
Aquela que sonhou o meu desdém!

Mais alto, sim! Mais alto! A intangível!
Turrís Ebúrnea erguida nos espaços,
À rutilante luz dum impossível!

Mais alto, sim! Mais alto! Onde couber
O mal da vida dentro dos meus braços,
Dos meus divinos braços de Mulher!

NERVOS DE OIRO

Meus nervos, guisos de oiro a tilintar
Cantam-me n'alma a estranha sinfonia
Da volúpia, da mágoa e da alegria,
Que me faz rir e que me faz chorar!

Em meu corpo fremente sem cessar,
Agito os guisos de oiro da folia!
A Quimera, a Loucura, a Fantasia,
Num rubro turbilhão sinto-As passar!

O coração, numa imperial oferta,
Ergo-o ao alto! E, sôbre a minha mão,
É uma rosa de púrpura entreaberta!

E em mim, dentro de mim, vibram dispersos,
Meus nervos de oiro, esplêndidos, que são
Tôda a Arte suprema dos meus versos!

A VOZ DA TÍLIA

Diz-me a tília a cantar: «Eu sou sincera,
Eu sou isto que vês: o sonho, a graça.
Deu ao meu corpo, o vento, quando passa,
Êste ar escultural de bayadera...

E de manhã o sol é uma cratera,
Uma serpente de oiro que me enlaça...
Trago nas mãos as mãos da primavera...
E é para mim que em noites de desgraça

Toca o vento Mozart, triste e solene,
E à minha alma vibrante, posta a nu,
Diz a chuva sonetos de Verlaine...»

E, ao ver-me triste, a tília murmurou:
«Já fui um dia poeta como tu...
Ainda hás de ser tília como eu sou...»

NÃO SER

Quem me dera voltar à inocência
Das coisas brutas, sãs, inanimadas,
Despir o vão orgulho, a incoerência:
—Mantos rôtos de estátuas mutiladas!

Ah! Arrancar às carnes laceradas
Seu mísero segrêdo de consciência!
Ah! poder ser apenas florescência
De astros em puras noites deslumbradas!

Ser nostálgico choupo ao entardecer,
De ramos graves, plácidos, absortos
Na mágica tarefa de viver!

Ser haste, seiva, ramaria inquieta,
Erguer ao sol o coração dos mortos
Na urna de oiro dum flor aberta...

?

Quem fez ao sapo o leito carmesim
De rosas desfolhadas à noitinha?
E quem vestiu de monja a andorinha,
E perfumou as sombras do jardim?

Quem cinzelou estrêlas no jasmim?
Quem deu êsses cabelos de raínha
Ao girassol? Quem fez o mar? E a minha
Alma a sangrar? Quem me criou a mim?

Quem fez os homens e deu vida aos lobos?
Santa Teresa em místicos arroubos?
Os monstros? E os profetas? E o luar?

Quem nos deu asas para andar de-rastros?
Quem nos deu olhos para ver os astros
—Sem nos dar braços para os alcançar?

IN MEMORIAM

Ao meu morto querido.

Na cidade de Assis, «Il Poverello»
Santo, três vezes santo, andou prègando
Que o sol, a terra, a flor, o rocio brando,
Da pobreza o tristíssimo flagelo,

Tudo quanto há de vil, quanto há de belo,
Tudo era nosso irmão!—E assim sonhando,
Pelas estradas da Umbria foi forjando
Da cadeia do amor o maior elo!

«Olha o nosso irmão Sol, nossa irmã água...»
Ah, Poverello! Em mim, essa lição
Perdeu-se como vela em mar de mágoa

Batida por furiosos vendavais!
—Eu fui na vida a irmã dum só irmão,
E já não sou a irmã de ninguém mais!

ÁRVORES DO ALENTEJO

Ao prof. Guido Battelli.

Horas mortas... Curvada aos pés do Monte
A planície é um brasido... e, torturadas,
As árvores sangrentas, revoltadas,
Gritam a Deus a bênção duma fonte!

E quando, manhã alta, o sol posponte
A oiro a giesta, a arder, pelas estradas,
Esfíngicas, recortam desgrenhadas
Os trágicos perfis no horizonte!

Árvores! Corações, almas que choram
Almas iguais à minha, almas que imploram
Em vão remédio para tanta mágoa!

Árvores! Não choreis! Olhai e vêde:
—Também ando a gritar, morta de sede,
Pedindo a Deus a minha gota de água!

QUEM SABE?...

Ao Angelo.

Queria tanto saber porque sou Eu!
Quem me enfeitou neste caminho escuro?
Queria tanto saber porque seguro
Nas minhas mãos o bem que não é meu!

Quem me dirá se, lá no alto, o céu
Também é para o mau, para o perjuro?
Para onde vai a alma que morreu?
Queria encontrar Deus! Tanto o procuro!

A estrada de Damasco, o meu caminho,
O meu bordão de estrêlas de cèguinho,
Água da fonte de que estou sedenta!

Quem sabe se êste anseio de Eternidade,
A tropeçar na sombra, é a verdade,
É já a mão de Deus que me acalenta?

A MINHA PIEDADE

A Bourbon e Menezes.

Tenho pena de tudo quanto lida
Neste mundo, de tudo quanto sente,
Daquele a quem mentiram, de quem mente,
Dos que andam pés descalços pela vida,

Da rocha altiva, sôbre o monte erguida,
Olhando os céus ignotos frente a frente,
Dos que não são iguais à outra gente,
E dos que se ensangüentam na subida!

Tenho pena de mim... pena de ti...
De não beijar o riso duma estrêla...
Pena dessa má hora em que nasci...

De não ter asas para ir ver o céu...
De não ser Esta... a Outra... e mais Aquela...
De ter vivido e não ter sido Eu...

SOU EU!

A Laura Chaves.

Pelos campos em fora, pelos combros,
Pelos montes que embalam a manhã,
Largo os meus rubros sonhos de pagã,
Emquanto as aves poisam nos meus ombros...

Em vão me sepultaram entre escombros
De catedrais duma escultura vã!
Olha-me o loiro sol tonto de assombros,
E as nuvens, a chorar, chamam-me irmã!

Ecos longínquos de ondas... de universos...
Ecos dum mundo... dum distante Além,
Donde eu trouxe a magia dos meus versos!

Sou eu! Sou eu! A que nas mãos ansiosas
Prendeu da vida, assim como ninguém,
Os maus espinhos sem tocar nas rosas!

PANTEÍSMO

Ao Boto de Carvalho.

Tarde de brasa a arder, sol de verão
Cingindo, voluptuoso, o horizonte...
Sinto-me luz e côr, ritmo e clarão
Dum verso triunfal de Anacreonte!

Vejo-me asa no ar, erva no chão,
Oíço-me gota de água a rir, na fonte,
E a curva altiva e dura do Marão
É o meu corpo transformado em monte!

E de braços na terra penso e cismo
Que, neste meu ardente panteísmo,
Nos meus sentidos postos e absortos,

Nas coisas luminosas dêste mundo,
A minha Alma é o túmulo profundo
Onde dormem, sorrindo, os deuses mortos!

POBRE DE CRISTO

A José Emídio Amaro.

Ó minha terra na planície rasa,
Branca de sol e cal e de luar,
Minha Terra que nunca viste o mar,
Onde tenho o meu pão e a minha casa,

Minha terra de tardes sem uma asa,
Sem um bater de fôlha... a dormirar...
Meu anel de rubis a flamejar,
Minha terra moirisca a arder em brasa!

Minha terra aonde meu irmão nasceu,
Aonde a mãe que eu tive e que morreu
Foi moça e loira, amou e foi amada!

Truz... Truz... Truz...—Eu não tenho aonde me acoite,
Sou um pobre de longe, é quási noite,
Terra, quero dormir, dá-me pousada!...

A UMA RAPARIGA

A Nice.

Abre os olhos e encara a vida! A sina
Tem que cumprir-se! Alarga os horizontes!
Por sôbre lamaçais alteia pontes
Com tuas mãos preciosas de menina.

Nessa estrada da vida que fascina
Caminha sempre em frente, além dos montes!
Morde os frutos a rir! Bebe nas fontes!
Beija aquêles que a sorte te destina!

Trata por tu a mais longínqua estrêla,
Escava com as mãos a própria cova
E depois, a sorrir, deita-te nela!

Que as mãos da terra façam, com amor,
Da graça do teu corpo, esguia e nova,
Surgir à luz a haste duma flor!...

MINHA CULPA

A Artur Ledesma.

Sei lá! Sei lá! Eu sei lá bem
Quem sou? Um fogo-fátuo, uma miragem...
Sou um reflexo... um canto de paisagem
Ou apenas cenário! Um vai vêm.

Como a sorte: hoje aqui, depois além!
Sei lá quem sou? Sei lá! Sou a roupagem
Dum doido que partiu numa romagem
E nunca mais voltou! Eu sei lá quem!...

Sou um verme que um dia quis ser astro...
Uma estátua truncada de alabastro...
Uma chaga sangrenta do Senhor...

Sei lá quem sou?! Sei lá! Cumprindo os fados,
Num mundo de maldades e pecados,
Sou mais um mau, sou mais um pecador...

TEUS OLHOS

Olhos do meu Amor! Infantes loiros
Que trazem os meus presos, endoidados!
Nêles deixei, um dia, os meus tesoiros:
Meus anéis, minhas rendas, meus brocados.

Nêles ficaram meus palácios moiros,
Meus carros de combate, destroçados,
Os meus diamantes, todos os meus oiros
Que trouxe d'Além-Mundos ignorados!

Olhos do meu Amor! Fontes... cisternas...
Enigmáticas campas medievais...
Jardins de Espanha... catedrais eternas...

Berço vindo do céu à minha porta...
Ó meu leito de núpcias irreais!...
Meu sumptuoso túmulo de morta!...

He hum não querer mais que bem querer.

CAMÕES.

I

Gosto de ti apaixonadamente,
De ti que és a vitória, a salvação,
De ti que me trouxeste pela mão
Até ao brilho desta chama quente.

A tua linda voz de água corrente
Ensinou-me a cantar... e essa canção
Foi ritmo nos meus versos de paixão,
Foi graça no meu peito de descrente.

Bordão a amparar minha cegueira,
Da noite negra o mágico farol,
Cravos rubros a arder numa fogueira!

E eu, que era neste mundo uma vencida,
Ergo a cabeça ao alto, encaro o sol!
—Águia real, apontas-me a subida!

II

Meu amor, meu amado, vê... repara:
Poisa os teus lindos olhos de oiro em mim,
—Dos meus beijos de amor Deus fêz-me avara
Para nunca os contares até ao fim.

Meus olhos têm tons de pedra rara,
—É só para teu bem que os tenho assim—
E as minhas mãos são fontes de água clara
A cantar sôbre a sêde dum jardim.

Sou triste como a fôlha ao abandôno
Num parque solitário, pelo Outono,
Sôbre um lago onde vogam nenúfares...

Deus fêz-me atravessar o teu caminho...
—Que contas dás a Deus indo sòzinho,
Passando junto a mim, sem me encontrares?—

III

Frémido do meu corpo a procurar-te,
Febre das minhas mãos na tua pele
Que cheira a âmbar, a baunilha e a mel,
Doido anseio dos meus braços a abraçar-te,

Olhos buscando os teus por tôda a parte,
Sêde de beijos, amargor de fel,
Estonteante fome, áspera e cruel,
Que nada existe que a mitigue e a farte!

E vejo-te tão longe! Sinto a tua alma
Junto da minha, uma lagoa calma,
A dizer-me, a cantar que me não amas...

E o meu coração que tu não sentes,
Vai boiando ao acaso das correntes,
Esquife negro sôbre um mar de chamas...

IV

És tu! És tu! Sempre vieste, emfim!
Oíço de novo o riso dos teus passos!
És tu que eu vejo a estender-me os braços
Que Deus criou p'ra me abraçar a mim!

Tudo é divino e santo visto assim...
Foram-se os desalentos, os cansaços...
O mundo não é mundo: é um jardim!
Um céu aberto: longes, os espaços!

Prende-me tôda, Amor, prende-me bem!
Que vês tu em redor? Não há ninguém!
A terra?—Um astro morto que flutua...

Tudo o que é chama a arder, tudo o que sente,
Tudo o que é vida e vibra eternamente
É tu seres meu, Amor, e eu ser tua!

V

Dize-me, amor, como te sou querida,
Conta-me a glória do teu sonho eleito,
Aninha-me a sorrir junto ao teu peito,
Arranca-me dos pântanos da vida.

Embriagada numa estranha lida,
Trago nas mãos o coração desfeito.
Mostra-me a luz, ensina-me o preceito
Que me salve e levante redimida!

Nesta negra cisterna em que me afundo,
Sem quimeras, sem crenças, sem ternura,
Agonia sem fé dum moribundo,

Grito o teu nome numa sêde estranha,
Como se fôsse, Amor, tôda a frescura
Das cristalinas águas da montanha!

VI

Falo de ti às pedras das estradas,
E ao sol que é loiro como o teu olhar,
Falo ao rio, que desdobra a fãiscar,
Vestidos de Princesas e de Fadas;

Falo às gaivotas de asas desdobradas,
Lembrando lenços brancos a acenar.
E aos mastros que apunhalam o luar
Na solidão das noites consteladas;

Digo os anseios, os sonhos, os desejos
Donde a tua alma, tonta de vitória,
Levanta ao céu a tôrre dos meus beijos!

E os meus gritos de amor, cruzando o espaço,
Sôbre os brocados fúlgidos da glória,
São astros que me tombam do regaço!

VII

São mortos os que nunca acreditaram
Que esta vida é somente uma passagem
Um atalho sombrio, uma paisagem
Onde os nossos sentidos se poisaram.

São mortos os que nunca alevantaram
Dentre escombros a Torre de Menagem
Dos seus sonhos de orgulho e de coragem,
E os que não riram e os que não choraram.

Que Deus faça de mim, quando eu morrer,
Quando eu partir para o País da Luz,
A sombra calma dum entardecer—,

Tombando, em doces pregas de mortalha,
Sobre o teu corpo heróico, pôsto em cruz
Na solidão dum campo de batalha!

VIII

Abrir os olhos, procurar a luz,
De coração erguido ao alto, em chama,
Que tudo neste mundo se reduz
A ver os astros cintilar na lama!

Amar o sol da glória e a voz da fama
Que em clamorosos gritos se traduz!
Com misericórdia, amar quem nos não ama,
E deixar que nos preguem numa cruz!

Sôbre um sonho desfeito erguer a tôrre
Doutro sonho mais alto e, se êsse morre
Mais outro e outro ainda, tôda a vida!

Que importa que nos vençam desenganos,
Se pudermos contar os nossos anos
Assim como degraus duma subida?

IX

Perdi os meus fantásticos castelos
Como névoa distante que se esfuma...
Quis vencer, quis lutar, quis defendê-los:
Quebrei as minhas lanças uma a uma!

Perdi minhas galeras entre os gêlos
Que se afundaram sôbre um mar de bruma...
—Tantos escolhos! Quem podia vê-los?—
Deitei-me ao mar e não salvei nenhuma!

Perdi a minha taça, o meu anel,
A minha cota de aço, o meu corcel,
Perdi meu elmo de oiro e pedrarias...

Sobem-me aos lábios súplicas estranhas...
Sôbre o meu coração pesam montanhas...
Olho assombrada as minhas mãos vazias...

X

Eu queria mais altas as estrêlas,
Mais largo o espaço, o sol mais criador,
Mais refulgente a lua, o mar maior,
Mais cavadas as ondas e mais belas;

Mais amplas, mais rasgadas as janelas
Das almas, mais rosais a abrir em flor,
Mais montanhas, mais asas de condor,
Mais sangue sôbre a cruz das caravelas!

E abrir os braços e viver a vida,
—Quanto mais funda e lúgubre a descida
Mais alta é a ladeira que não cansa!

E, acabada a tarefa... em paz, contente,
Um dia adormecer, serenamente,
Como dorme no berço uma criança!

Outubro, 1930.

RELIQUIÆ

VERSOS PÓSTUMOS PUBLICADOS PELA PRIMEIRA VEZ COM A 2.ª EDIÇÃO DA «CHARNECA EM FLOR», EM 1931.

ÉVORA

Ao Amigo Vindo da luminosa Itália, a minha cidade, como eu soturna e triste...

Évora! Ruas ermas sob os céus
Côr de violetas roxas... Ruas frades
Pedindo em triste penitência a Deus
Que nos perdôe as míseras vaidades!

Tenho corrido em vão tantas cidades!
E só aqui recordo os beijos teus,
E só aqui eu sinto que são meus
Os sonhos que sonhei noutras idades!

Évora!... O teu olhar... o teu perfil...
Tua bôca sinuosa, um mês de Abril,
Que o coração no peito me alvoroça!

...Em cada viela o vulto dum fantasma...
E a minh'alma soturna escuta e pasma...
E sente-se passar *menina-e-moça*...

À JANELA DE GARCIA DE REZENDE

Janela antiga sôbre a rua plana...
Ilumina-a o luar com seu clarão...
Dantes, a descansar de luta insana,
Fui, talvez, flor no poético balcão...

Dantes! Da minha glória altiva e ufana,
Talvez... Quem sabe?... Tonto de ilusão,
Meu rude coração de alentejana
Me palpitasse ao luar nesse balcão...

Mística dona, em outras primaveras,
Em refulgentes horas de outras eras,
Vi passar o cortejo ao sol doirado...

Bandeiras! Pagens! O pendão real!
E na tua mão, vermelha, triunfal,
Minha divisa: um coração chagado!...

O MEU IMPOSSÍVEL

Minh'alma ardente é uma fogueira acesa,
É um brasido enorme a crepitar!
Ansia de procurar sem encontrar
A chama onde queimar uma incerteza!

Tudo é vago e incompleto! E o que mais pesa
É nada ser perfeito. É deslumbrar
A noite tormentosa até cegar,
E tudo ser em vão! Deus, que tristeza!...

Aos meus irmãos na dor já disse tudo
E não me compreenderam!... Vão e mudo
Foi tudo o que entendi e o que pressinto...

Mas se eu pudesse, a mágoa que em mim chora,
Contar, não a chorava como agora,
Irmãos, não a sentia como a sinto!...

EM VÃO

Passo triste na vida e triste sou
Um pobre a quem jamais quiseram bem!
Um caminhante exausto que passou,
Que não diz onde vai nem donde vem.

Ah! Sem piedade, a rir, tanto desdém
A flor da minha bôca desdenhou!
Solitário convento onde ninguém
A silenciosa cela procurou!

E eu quero bem a tudo, a tôda a gente!...
Ando a amar assim, perdidamente,
A acalantar o mundo nos meus braços!

E tem passado, em vão, a mocidade
Sem que no meu caminho uma saüdade
Abra em flores a sombra dos meus passos!

VOZ QUE SE CALA

Amo as pedras, os astros e o luar
Que beija as ervas do atalho escuro,
Amo as águas de anil e o doce olhar
Dos animais, divinamente puro.

Amo a hera que entende a voz do muro,
E dos sapos, o brando tilintar
De cristais que se afagam devagar,
E da minha charneca o rosto duro.

Amo todos os sonhos que se calam
De corações que sentem e não falam,
Tudo o que é Infinito e pequenino!

Asa que nos protege a todos nós!
Solução imenso, eterno, que é a voz
Do nosso grande e mísero Destino!...

PARA QUÊ?

Ao vólho amigo João.

Para quê ser o musgo do rochedo
Ou urze atormentada da montanha?
Se a arranca a ansiedade e o mêdo
E êste enleio e esta angústia estranha

E todo êste feitiço e êste enrêdo
Do nosso próprio peito? E é tamanha
E tão profunda a gente que o segrêdo
Da vida como um grande mar nos banha?

P'ra que ser asa quando a gente voa
De que serve ser cântico se entoa
Tôda a canção de amor do Universo?

Para quê ser altura e ansiedade,
Se se pode gritar uma Verdade
Ao mudo vão nas sílabas dum verso?

SONHO VAGO

Um sonho alado que nasceu um instante,
Erguido ao alto em horas de demência...
Gotas de água que tombam em cadência
Na minh'alma tristíssima, distante...

Onde está êle o Desejado? O Infante?
O que há de vir e amar-me em doida ardência?
O das horas de mágoa e penitência?
O Príncipe Encantado? O eleito? O Amante?

E neste sonho eu já nem sei quem sou...
O brando marulhar dum longo beijo
Que não chegou a dar-se e que passou...

Um fogo-fátuo rútilo, talvez...
E eu ando a procurar-te e já te vejo!...
E tu já me encontraste e não me vês!...

PRIMAVERA

É primavera agora, meu Amor!
O campo despe a veste de estamena;
Não há árvore nenhuma que não tenha
O coração aberto, todo em flor!

Ah! Deixa-te vogar, calmo, ao sabor
Da vida... não há bem que nos não venha
Dum mal que o nosso orgulho em vão desdenha!
Não há bem que não possa ser melhor!

Também despi meu triste burel pardo,
E agora cheiro a rosmaninho e a nardo
E ando agora tonta, à tua espera...

Pus rosas côm de rosa em meus cabelos...
Parecem um rosal! Vem desprendê-los!
Meu Amor, meu Amor, é Primavera!...

BLASFÊMIA

Silêncio, meu Amor, não digas nada!
Cai a noite nos longes donde vim...
Tôda eu sou alma e amor, sou um jardim,
Um pátio alucinante de Granada!

Dos meus cílios a sombra enluarada,
Quando os teus olhos descem sôbre mim,
Traça trémulas hastes de jasmim
Na palidez da face extasiada!

Sou no teu rosto a luz que o alumia,
Sou a expressão das tuas mãos de raça,
E os beijos que me dás já foram meus!

Em ti sou Glória, Altura e Poesia!
E vejo-me—milagre cheio de graça!—
Dentro de ti, em ti igual a Deus!...

O TEU OLHAR

Passam no teu olhar nobres cortejos,
Frotas, pendões ao vento sobranceiros,
Lindos versos de antigos romanceiros,
Céus do Oriente, em brasa, como beijos,

Mares onde não cabem teus desejos;
Passam no teu olhar mundos inteiros,
Todo um povo de heróis e marinheiros,
Lanças nuas em rútilos lampejos;

Passam lendas e sonhos e milagres!
Passa a Índia, a visão do Infante em Sagres,
Em centelhas de crença e de certeza!

E ao sentir-te tão grande, ao ver-te assim,
Amor, julgo trazer dentro de mim
Um pedaço da terra portuguesa!

Outubro, 1930.

NOITE DE CHUVA

Chuva... Que gotas grossas!... Vem ouvir:

Uma... duas... mais outra que desceu...

É Viviana, é Melusina, a rir,

São rosas brancas dum rosal do céu...

Os lilazes deixaram-se dormir...

Nem um frémito... a terra emmudeceu...

Amor! Vem ver estrêlas a cair:

Uma... duas... mais outra que desceu...

Fala baixo, juntinho ao meu ouvido,

Que essa fala de amor seja um gemido,

Um murmúrio, um soluço, um ai desfeito...

Ah, deixa à noite o seu encanto triste!

E a mim... o teu amor que mal existe,

Chuva a cair na noite do meu peito!



TARDE DE MÚSICA

Só Schumann, meu Amor! Serenidade...
Não assustes os sonhos... Ah, não varras
As quimeras... Amor, senão esbarras
Na minha vaga imaterialidade...

Liszt, agora o brilhante; o piano arde...
Beijos alados... ecos de fanfarras...
Pétalas dos teus dedos feitos garras...
Como cai em pó de oiro o ar da tarde!

Eu olhava para ti... «é lindo! Ideal!»
Gemeram nossas vozes confundidas.
—Havia rosas côm de rosa aos molhos—

Falavas de Liszt e eu... da musical
Harmonia das pálpebras descidas,
Do ritmo dos teus cílios sôbre os olhos...

CHOPIN

Não se acende hoje a luz... Todo o luar
Fique lá fora. Bem Aparecidas
As estrêlas miüdinhas, dando no ar
As voltas dum cordão de margaridas!

Entram falenas meio entontecidas...
Lusco-fusco... um morcego a palpitar,
Passa... torna a passar... torna a passar...
As coisas tem o ar de adormecidas...

Mansinho... Roça os dedos p'lo teclado,
No vago arfar que tudo alteia e doira,
Alma, Sacrário de Almas, meu Amado!

E, enquanto o piano a doce queixa exala,
Divina triste, a grande sombra loira,
Vem para mim da escuridão da sala...

O MEU DESEJO

Vejo-te só a ti no azul dos céus.
Olhando a nuvem de oiro que flutua...
Ó minha perfeição que criou Deus
E que num dia lindo me fêz sua!

Nos vultos que diviso pela rua,
Que cruzam os seus passos com os meus...
Minha bôca tem fome só da tua!
Meus olhos têm sêde só dos teus!

Sombra da tua sombra, doce e calma,
Sou a grande quimera da tua alma
E, sem viver, ando a viver contigo...

Deixa-me andar assim no teu caminho
Por tôda a vida, Amor devagarinho,
Até a morte me levar consigo...

ESCRAVA

Ó meu Deus, ó meu dono, ó meu senhor,
Eu te saúdo, olhar do meu olhar,
Fala da minha bôca a palpitar,
Gesto das minhas mãos tontas de amor!

Que te seja propicio o astro e a flor,
Que a teus pés se incline a terra e o mar,
P'los séculos dos séculos sem-par,
Ó meu Deus, ó meu dono, ó meu senhor!

Eu, doce e humilde escrava, te saúdo,
E, de mãos postas, em sentida prece,
Canto teus olhos de oiro e de veludo.

Ah, êsse verso imenso de ansiedade,
Êsse verso de amor que te fizesse
Ser eterno por tôda a Eternidade!...

DIVINO INSTANTE

Ser uma pobre morta inerte e fria,
Hierática, deitada sob a terra,
Sem saber se no mundo há paz ou guerra,
Sem ver nascer, sem ver morrer o dia,

Luz apagada ao alto e que alumia,
Bôca fechada à fala que não erra,
Urna de bronze que a Verdade encerra,
Ah! Ser Eu essa morta inerta e fria!

Ah, fixar o efêmero! Êsse instante
Em que o teu beijo sôfrego de amante
Queima o meu corpo frágil de âmbar loiro;

Ah, fixar o momento em que, dolente,
Tuas pálpebras descem, lentamente,
Sôbre a vertigem dos teus olhos de oiro!

SILÊNCIO!...

No fadário que é meu, neste penar,
Noite alta, noite escura, noite morta,
Sou o vento que geme e quer entrar,
Sou o vento que vai bater-te à porta...

Vivo longe de ti, mas que me importa?
Se eu já não vivo em mim! Ando a vaguear
Em roda à tua casa, a procurar
Beber-te a voz, apaixonada, absorta!

Estou junto de ti e não me vêes...
Quantas vezes no livro que tu lêes
Meu olhar se poisou e se perdeu!

Trago-te como um filho nos meus braços!
E na tua casa... Escuta!... Uns leves passos...
Silêncio, meu Amor!... Abre! Sou eu!...

O MAIOR BEM

Êste querer-te bem sem me queres,
Êste sofrer por ti constantemente,
Andar atrás de ti sem tu me veres
Faria piedade a tôda a gente.

Mesmo a beijar-me a tua bôca mente...
Quantos sangrentos beijos de mulheres
Poisa na minha a tua bôca ardente,
E quanto engano nos seus vãos dizeres!...

Mas que me importa a mim que me não queiras,
Se esta pena, esta dor, estas canseiras,
Êste mísero pungir, árduo e profundo

Do teu frio desamor, dos teus desdens,
E, na vida, o mais alto dos meus bens?
É tudo quanto eu tenho neste mundo?

OS MEUS VERSOS

Rasga êsses versos que eu te fiz, Amor!
Deita-os ao nada, ao pó, ao esquecimento,
Que a cinza os cubra, que os arraste o vento,
Que a tempestade os leve aonde fôr!

Rasga-os na mente, se os souberes de cor,
Que volte ao nada o nada dum momento!
Julguei-me grande pelo sentimento,
E pelo orgulho ainda sou maior!...

Tanto verso já disse o que eu sonhei!
Tantos penaram já o que eu penei!
Asas que passam, todo o mundo as sente...

Rasga os meus versos... Pobre endoidecida!
Como se um grande amor cá nesta vida
Não fôsse o mesmo amor de tôda a gente!...

AMOR QUE MORRE

O nosso amor morreu... Quem o diria!
Quem o pensara mesmo ao ver-me tonta,
Céguinho de te ver, sem ver a conta
Do tempo que passava, que fugia!

Bem estava a sentir que êle morria...
E outro clarão, ao longe, já desponta!
Um engano que morre... e logo aponta
A luz doutra miragem fugidia...

Eu bem sei, meu Amor, que p'ra viver
São precisos amores, p'ra morrer
E são precisos sonhos p'ra partir.

Eu bem sei, meu Amor, que era preciso
Fazer do amor que parte o claro riso
Doutro amor impossível que há de vir!

SÔBRE A NEVE

Sôbre mim, teu desdém, pesado jaz
Como um manto de neve... Quem dissera
Porque tombou em plena primavera
Tôda essa neve que o inverno traz!

Coroavas-me 'inda há pouco de lilás
E de rosas silvestres... quando eu era
Aquele que o Destino prometera
Aos teus rútilos sonhos de rapaz!

Dos beijos que me deste não te importas,
Asas paradas de andorinhas mortas...
Fôlhas de outono em correria louca...

Mas 'inda um dia, em mim, ébrio de côr,
Há de nascer um roseiral em flor
Ao sol de primavera doutra bôca!

EU NÃO SOU DE NINGUÉM...

.....
.....
.....
.....

Eu não sou de ninguém!... Quem me quiser
Há de ser luz do sol em tardes quentes;
Nos olhos de água clara há de trazer
As fúlgidas pupilas dos videntes!

Há de ser seiva no botão repleto,
Voz no murmúrio do pequeno insecto,
Vento que enfuna as velas sôbre os mastros!...

Há de ser Outro e Outro num momento!
Fôrça viva, brutal, em movimento,
Astro arrastando catadupas de astros!



VÃO ORGULHO

Neste mundo vaidoso o amor é nada,
É um orgulho a mais, outra vaidade,
A coroa de loiros desfolhada
Com que se espera a Imortalidade.

Ser Beatriz! Natércia! Irrealidade...
Mentira... Engano de alma desvairada...
Onde está dêsses braços a verdade,
Essa fogueira em cinzas apagada?...

Mentira! Não te quis... não me quiseste...
Eflúvios subtis dum bem celeste?
Gestos... palavras sem nenhum condão...

Mentira! Não fui tua... não! Sòmente...
Quis ser mais do que sou, mais do que gente,
No alto orgulho de o ter sido em vão!...

ÚLTIMO SONHO DE «SÓROR SAÛDADE»

Áquele que se perdera no caminho...

Sóror Saüdade abriu a sua cela...

E, num encanto que ninguém traduz,
Despiu o manto negro que era dela,
Seu vestido de noiva de Jesus.

E a noite escura, extasiada, ao vê-la,
As brancas mãos no peito quási em cruz,
Teve um brilhar feérico de estrêla
Que se esfolhasse em pétalas de luz!

Sóror Saüdade olhou... Que olhar profundo
Que sonha e espera?... Ah como é feio o mundo,
E os homens vãos!—Então, devagarinho,

Sóror Saüdade entrou no seu convento...
E, até morrer, rezou, sem um lamento,
Por *Um* que se perdera no caminho!...

ESQUECIMENTO

Êsse de quem eu era e que era meu,
Que foi um sonho e foi realidade,
Que me vestiu a alma de saüdade,
Para sempre de mim desapar'ceu.

Tudo em redor então escureceu,
E foi longínqua tôda a claridade!
Ceguei... tateio sombras... Que ansiedade!
Apalpo cinzas porque tudo ardeu!

Descem em mim poentes de Novembro...
A sombra dos meus olhos, a escurecer...
Veste de roxo e negro os crisantemos...

E dêsse que era meu já me não lembro...
Ah, a doce agonia de esquecer
A lembrar doidamente o que esquecemos!...

LOUCURA

Tudo cai! Tudo tomba! Derrocada
Pavorosa! Não sei onde era dantes.
Meu solar, meus palácios, meus mirantes!
Não sei de nada, Deus, não sei de nada!...

Passa em tropel febril a cavalgada
Das paixões e loucuras triunfantes!
Rasgam-se as sêdas, quebram-se os diamantes!
Não tenho nada, Deus, não tenho nada!...

Pesadelos de insónia, ébrios de anseio!
Loucura a esboçar-se, a ennegrecer
Cada vez mais as trevas do meu seio!

Ó pavoroso mal de ser sòzinha!
Ó pavoroso e atroz mal de trazer
Tantas almas a rir dentro da minha!

DEIXAI ENTRAR A MORTE

Deixai entrar a Morte, a iluminada,
A que vem para mim, p'ra me levar.
Abri tôdas as portas par em par
Como asas a bater em revoada.

Que sou eu neste mundo? A desherdada,
A que prendeu nas mãos todo o luar,
A vida inteira, o sonho, a terra, o mar,
E que, ao abri-las, não encontrou nada!

Ó Mãe! Ó minha Mãe, p'ra que nasceste?
Entre agonias e em dores tamanhas
P'ra que foi, dize lá, que me trouxeste

Dentro de ti?... P'ra que eu tivesse sido
Sòmente o fruto amargo das entranhas
Dum lírio que em má hora foi nascido!...

À MORTE

Morte, minha Senhora Dona Morte,
Tão bom que deve ser o teu abraço!
Lânguido e doce como um doce laço
E como uma raiz, sereno e forte.

Não há mal que não sare ou não conforte
Tua mão que nos guia passo a passo,
Em ti, dentro de ti, no teu regaço
Não há triste destino nem má sorte.

Dona Morte dos dedos de veludo,
Fecha-me os olhos que já viram tudo!
Prende-me as asas que voaram tanto!

Vim da Moirama, sou filha de rei,
Má fada me encantou e aqui fiquei
À tua espera... quebra-me o encanto!

POBREZINHA

Nas nossas duas sinas tão contrárias
Um pelo outro somos ignorados:
Sou filha de regiões imaginárias,
Tu pisas mundos firmes já pisados.

Trago no olhar visões extraordinárias
De coisas que abracei de olhos fechados...
Em mim não trago nada, como os párias...
Só tenho os astros, como os desherdados...

E das tuas riquezas e de ti
Nada me deste e eu nada recebi,
Nem o beijo que passa e que consola.

E o meu corpo, minh'alma e coração
Tudo em risos poisei na tua mão!...
...Ah, como é bom um pobre dar esmola!...

Êste soneto e os seguintes são publicados pela primeira vez em volume.

ROSEIRA BRAVA

Há nos teus olhos de oiro um tal fulgor
E no teu riso tanta claridade,
Que o lembrar-me de ti é ter saüdade
Duma roseira brava tôda em flor.

Tuas mãos foram feitas para a dor,
Para os gestos de doçura e piedade;
E os teus beijos de sonho e de ansiedade
São como a alma a arder do próprio amor!

Nasci envolta em trajes de mendiga;
E, ao dares-me o teu amor de maravilha,
Deste-me o manto de oiro de raínha!

Tua irmã... teu amor... e tua amiga...
E também—tôda em flor—a tua filha,
Minha roseira brava que é só minha!...

NAVIOS FANTASMAS

O arabesco fantástico do fumo
Do meu cigarro traça o que disseste,
A azul, no ar, e o que me escreveste,
E tudo o que sonhaste e eu presumo.

Para a minha alma estática e sem rumo,
A lembrança de tudo o que me deste
Passa como o navio que perdeste,
No arabesco fantástico do fumo...

Lá vão! Lá vão! Sem velas e sem mastros,
Têm o brilho rutilante de astros,
Navios-fantasmas, perdem-se a distância!

Vão-me buscar, sem mastros e sem velas,
Noiva-menina, as doidas caravelas,
Ao ignoto País da minha infância...

O MEU SONETO

Em atitudes e em ritmos fleugmáticos,
Erguendo as mãos em gestos recolhidos,
Todos brocados fúlgidos, hieráticos,
Em ti andam bailando os meus sentidos...

E os meus olhos serenos, enigmáticos.
Meninos que na estrada andam perdidos,
Dolorosos, tristíssimos, extáticos,
São letras de poemas nunca lidos...

As magnólias abertas dos meus dedos
São mistérios, são filtros, são enredos
Que pecados d'amor trazem de-rastos...

E a minha boca, a rútila manhã,
Na via-láctea, lírica, pagã,
A rir desfolha as pétalas dos astros!...

NIHIL NOVUM

Na penumbra do pórtico encantado
De Bruges, noutras eras, já vivi;
Vi os templos do Egipito com Loti;
Lancei flores, na Índia, ao rio sagrado.

No horizonte de bruma opalizado,
Frente ao Bsforo errei, pensando em ti!
O silêncio dos claustros conheci
Pelos poentes de nácar e brocado...

Mordi as rosas brancas de Ispahan
E o gôsto a cinza em tôdas era igual!
Sempre a charneca brbara e deserta,

Triste, a florir numa ansiedade v!
Sempre da vida—o mesmo estranho mal,
E o corao—a mesma chaga aberta!

TRADUÇÕES
de
GUIDO BATTELLI

IO

(EU)

Io son colei che va pe 'l mondo errante
e nella vita mai trovò sua stella,
del Sogno e della Sorte son sorella,
la triste crocifissa dolorante.

Qual lieve ombra di nebbia vaporante
che un triste suo destino s'arrovella
di spingere alla Morte, io sono quella
che niun comprender seppe un solo istante.

Io son colei che passa e che niun vede,
son quella che par triste e poi non è,
che piange il suo dolor senza un perchè.

Son forse la vision che alcun sognò,
d'alcun che venne al mondo a veder me
e nella vita mai non m'incontrò.

IL MIO DESTINO

(EM BUSCA DO AMOR)

A me fu detto un giorno dal Destino:
batti le strade della vita e chiedi
a quanti incontrerai sul tuo cammino
se quell'amor che brami hai da trovar.

Scesi cantando al vento del mattino,
sfidai nubi e tempeste, ad ogni porta
bussando invano, a mo' di pellegrino,
ma traccia del mio amor niun seppe dar!

Ne chiesi a un vecchio: Orsù, dimmi, vecchino,
Amor vedesti? Sorpreso ei mi guardò,
scosse ridendo il capo e via passò.

Ne chiesi a tutti, e fu dimanda vana,
vana richiesta che mi scoraggiò:
ne la vita l'Amor niuno incontrò.

TRISTEZZA

([NEURASTENIA](#))

Ho l'anima ripiena di tristezza,
rintocca nel mio cuor l'Ave Maria,
la pioggia batte ai vetri e vi ricama
trine leggere di malinconia.

Piange il vento ululando e pare il grido
d'un'anima che pena in agonia;
di neve i fiocchi volano per l'aria
migranti uccelli in ciel di fantasia.

Tanta tristezza, pioggia, ma di che?
Tanta passione, vento, ma perchè?
Crudel destino, neve, ci toccò.

O pioggia, o vento, o neve, che tristezza!
Ditela al mondo intero l'amarezza,
Dite voi ciò ch'io sento e dir non sò!

IL CANTO DEL ROSIGNOLO

([ALMA PERDIDA](#))

Tutta la notte il rosignol cantò
la sua passione, disperatamente,
e quasi fosse l'eco d'una gente
che in quella voce il suo dolor sfogò.

Fors'era un sogno che nel ciel sfumò,
e in doglia si converse blandamente,
fors'era il pianto e l'anima dolente
d'alcun che chiese amore e nol trovò.

L'intera notte pianse, io lacrimai
perchè in quel canto amaro e disperato
l'atroce mio destino indovinai.

E in quegli accenti che de l'angosciato
mio tormento parevano la voce
il pianto del mio cuore ravvisai.

SERA ALENTEJANA

(LANGUIDEZ)

O sere di mia terra, o dolce incanto,
d'un vago albor di giglio illuminate,
sere di sogno, sere di novene,
sere di Portogallo idolatrate.

Come v'adoro e v'amo! Ecco ch'io sento
battere l'ore come lievi pene,
ore di pace e d'un dolore santo
ore di fumo e cenere, serene...

Le palpebre languenti, affaticate
lievi si chiudon su l'azzurre viole,
com'ali bianche stanche di volare.

E su la bocca posan baci muti,
mentre le mani sembran carezzare
dell'ombra folta i pallidi velluti.

AMICA TRISTE

(AMIGA)

Lascia ch'io sia la tua amica, Amore,
solo l'amica, se non vuoi ch'io sia
delle tue amanti tutte la migliore

e la più triste. Pena ed agonia
che importa, Amor, se poi da te ne viene?
—Benedetto—dirà la voce mia...

È sempre un sogno buono quel tuo bene,
anche se in pianto dal perduto e vano
sogno mi dèsti a rinnovar mie pene.

Su, baciami le mani, ma pian piano,
come, se nati nello stesso nido,
noi fossimo fratelli un dì lontano.

Baciami forte... O pazza fantasia,
guardar così dentro le mani chiuse
i baci ch'io sognai qui in bocca mia!

GIOVINEZZA INUTILE

([PEOR VELHICE](#))

Son vecchia e triste. D'un sorriso l'alba
su la mia bocca mai vidi apparir,
gridando aiuto con la voce spenta,
naufraga della vita, vo' a morir.

La Vita che sul fronte a le fanciulle
di bianche rose un serto suole ordir,
su la mia fronte mistica di pazza
il fior di morte pose a imputridir.

Giovine ancora, se la giovinezza
fosse soltanto de la nostra età
nè il cuore avessi colmo d'amarezza,

triste vecchiaia il mio destin mi dà,
quella che nega a noi fino il ricordo
d'essere stata bella in altra età.

IL MIO SEGRETO

([MINHA TRAGÉDIA](#))

Non amo il sol, ho una paura folle
che legganmi ne gli occhi il mio segreto,
di non amar nessun, d'esser così...

Amo la notte immensa e misteriosa,
al par della farfalla, che notturna
mi sento volteggiare in petto, qui.

LANDA FIORITA

(CHARNECA EM FLOR)

Sento nel cuore una dolcezza arcana
che fa scordarmi l'ore dolorose:
dall'eriche bruciate nascon rose;
del pianto la tristezza è ormai lontana.

Tutta m'avvolge una passione strana;
nell'ombra ascolto voci misteriose
che mormoran parole deliziose
per cui delira la mia mente vana.

In questa febbre ardente che m'invade
dispoglio il triste lutto e le gramaglie
e più non sono, Amor, Sórora Saudade.

Brilla nell'occhio l'estasi d'amore,
e la mia bocca aulente è come il miele,
io son la landa brulla tutta in fiore!

VERSI D'ORGOGGIO

([VERSOS DE ORGULHO](#))

Mi sprezza il mondo, ma non ha nessuno
l'ala del canto che il Signor mi diede,
io nacqui Principessa in fra la plebe:
chiude il mio sogno e l'ansia mia segreta
una torre d'orgoglio e di disdegno.
Perchè oltre i mari stendesi il mio regno,
perchè ne gli occhi porto la infinita
azzurra immensa vastità dei mari.
Tutte le luci e tutti gli ori aduno,
perchè io son Io, e sono pur Qualcuno!
Il mondo? E che c'importa il mondo, Amore?
Il giardin de' miei versi tutto in fiore,
la messe de' tuoi baci inebrianti,
son l'estasi di sogno e sono i canti,
le braccia sono, Amor in che mi tieni
stretta al tuo seno, e dentro ne' sereni
abbracciamenti il mondo esser ci pare
in Lattea Via immensità stellare!

AUTUNNO

(AUTONAL)

.....

Autunno dai crepuscoli dorati
di porpore, damaschi e di broccati,
vesti la terra intera di splendor.

Autunno da le sere silenziose
e magnifiche notti voluttuose,
in cui singhiozzo a delirar d'amor!



PASSIONE

(NERVOS D'OIRO)

Quai búbboli d'oro mi squillano
gli accesi miei nervi il lor canto,
e in quella lor voce mi dicono
i sogni d'amore e di pianto.

Io scuoto ridendo i miei crotali
nel corpo d'ebbrezza fremente,
e della passione nel turbine
si perde estasiata la mente.

Danzando nel circolo magico
sollevo il mio cuor nella mano,
che pare una rosa di porpora
promessa a un amore lontano.

Con ritmo fantastico vibrano
ardenti i miei nervi esaltati
e un regno mi tessono splendido
di canti e di sogni dorati!

VOLUTTÀ

(VOLÚPIA)

Poichè del piacere
mi corre già il fremito
per tutte le membra,
io sfido la sorte,
io t'offro il mio corpo
dannato alla morte!

Caduto è l'inganno
dei labri che mentono,
dispersa ha la nube
il vento del norte:
io t'offro coi baci
un vino più forte!

Ho il grembo ricolmo
di dalie di porpora,
e l'agili mani
nel sole le tingo,
ma sembrano lance
se al seno ti stringo.

L'incanto perverso
t'avvolge del magico
mio corpo felino:
ti stringe anelante
un cerchio più cupo
di quelli di Dante!

PASSEGGIATA CAMPESTRE

(PASSEIO NO CAMPO)

Amor diletto, o mio soave Amante,
cogli l'ora che passa, ora divina
bevi con me la tazza inebriante.

Io tengo, Amor, la cinta svelta e fina
e gioventù mi brilla ancora in fronte,
le mani ho di Madonna fiorentina.

Vieni con me: noi saliremo il monte
fra'l gran' maturo che già 'l sole indora
e l'acqua azzurra noi berremo al fonte.

Di rosolacci ardenti ecco s'infiora
tutta la messe: bianca la vitalba
nell'aura fresca del mattino odora...

A sera torneremo, e ne la falba
luce di luna, pei sentieri agresti
—soave a noi come un sorriso d'alba—

strette le braccia, moveremo presti.

LE MIE MANI

([AS MINHAS MÃOS](#))

Le piccole mani son bianche
e pure qual acqua nascente,
somialm le rose intrecciate
nel grembo all'Infanta d'Oriente.

Son povere in veste di seta,
son mani di fata o reggente;
le dora d'un pallido raggio,
il sole che volge a ponente.

Son scarne, son bianche siccome
quel viso di bimba dolente
che ignora sua madre, che vive
raminga così fra la gente.

Amor, le ricusi?... Sapessi
la pena che il cuore ne sente!
Mie piccole mani, sì dolci,
sì buone, che solo contente

D'un poco d'amore sareste,
apritemi il cielo splendente
di luce, che il volto carezzi
d'un tenero amor sorridente!

TOLEDO

Rubino ardente in una coppa d'oro
oggi è Toledo. Amor, non me lo dire,
che tal festa è per noi. Vedi, non oso
un gesto sol, chè temo di svenire.

Le tue mani carezzano tremando
l'agil mio corpo d'ambra armonioso,
ch'è come un gelsomin tutto odoroso,
ebro di sol, d'aroma e di piacere.

Io chiudo l'occhio stanco ove persiste
un romantico sogno vago e muto,
—un grande amor è sempre grave e triste.

Fiammeggia il Tago al sol coll'onda verde,
leva al cielo una torre il grido acuto,
e nel tuo bacio, Amor, l'alma si perde!

IN MEMORIAM

Nella città d'Assisi il Poverello
santo Francesco a tutti iva insegnando
che l'acqua, il sol, la terra, il fior più bello,

le spin che calca, il piede insanguinando,
la Povertà, che tutto quanto al mondo
di buono o vile noi ne andiam trovando.

Fratello è nostro. Esaltasi in giocondo,
slancio d'amore il canto e dice:
«Ave, suor Acqua, e Sole rubicondo»!

Ahi, Poverello, il canto tuo felice
erra fors'anco dentro le olivete
di S. Damiano sovra la pendice,

ma come triste a me ne le segrete
lacrime suona! Ne la vita, solo
m'ebbi un fratello, che ad eccelse mete

mentre ne' cieli indirizzava il volo
precipitò. Oh chi dirà lo schianto
muto del cuore, chi darà consolo

al mio perenne desolato pianto?
Fratello in vita ebbi te sol, sol uno,
morto che vegli al mio destino accanto,

nè più fratello chiamerò nessuno!

ALENTEJO

(POBRE DE CRISTO)

O terra mia natal, che in un'immensa
pianura sconfinata avvampi al sol,
terra cui stende su le case bianche
il chiar di luna un magico lenzuol,

Terra che ne' tuoi lunghi crepuscoli
non senti batter d'ala pure un vol,
terra moresca, che un rubino ardente
sembri distesa col fiammante suol,

Terra in cui nacque il dolce mio fratello
e la giovine madre mia morì,
io batto alla tua porta; son mendica,
e ormai nell'ombra va morendo il dì.

Lascia ch'io posi in te l'anima stanca
e per la notte trovi albergo qui,
terra adorata, ove mia madre dorme
e bionda un giorno in gioventù fiorì.

ALBERI DELL'ALENTEJO

(ÁRVORES DO ALENTEJO)

Ore morte. Disteso a piè del Monte
il piano è una fornace. Torturate
le piante, dall'arsura affaticate,
chiedono a Dio la grazia d'una fonte.

Fragranti le ginestre su le conte
strade del bosco splendono dorate,
si stagliano le piante impolverate,
sul tragico profil de l'orizzonte.

Alberi, o cuori, anime piangenti,
o tristi al par di me, alme imploranti
in van rimedio per la lor tortura,

Alberi, non piangete! Anch'io da dura
sete sospinta ne' mei passi erranti,
anelo abbeverarmi a le sorgenti!

EVORA

(ÉVORA)

Evora, le tue strade solitarie
e silenziose sotto un ciel violetto
la remissione chiedono al Signore
di vanità che ci fiorîr nel cuore.

Io corsi invano un dì tante cittadi:
solo qui sento ch'ardono i tuoi baci,
solo qui sento arridermi al pensiero
i sogni ch'io sognai nell'altre etadi!

Evora, al guardo tuo, al dolce aspetto,
al tuo sorriso ambiguo nell'aprile,
il cuor mi balza d'allegrezza in petto.

C'è il volto d'un fantasma in ogni piazza;
e l'alma mia dolente qui rivive
il lieto sogno ch'io sognai ragazza!

LA FINESTRA DI GARCIA DE REZENDE IN EVORA

([Á JANELA DE GARCIA DE REZENDE](#))

Finestra antica sopra la via piana,
tutta di luce imbiáncati la luna;
io forse un giorno, in un'età lontana,
io fui la rosa che al balcon fiorì.

Un giorno forse,—oh la mia mente vana
che i morti sogni come foglie aduna!—
col mio superbo cuor d'alentejana
al tuo balcone m'affacciai un dì.

Mistica donna in altre primavere
io vissi ore fulgenti in altre età;
vidi passar cortei fra le bandiere
spiegate al vento per la mia città.

D'un principe regal vidi l'insegna
levata al sole in aria trionfal;
recava un cuor trafitto: era l'emblema
ch'io scelsi a dire il mio segreto mal!

SOGNO VANO

([SONHO VAGO](#))

Un sogno alato attraversò un istante
la mente folle, presa da demenza,
e mi risuona qual d'acque cadenza
nell'alma ancora triste e sì distante...

Dov'è l'Eletto del mio cuor, l'Infante
che m'ami e fonda col suo vivo ardore
il triste gelo che mi stringe il cuore,
il Principe incantato, il dolce Amante?

Assorta in sogno, io non so più se sia
d'un bacio l'eco ch'al labbro morì,
o fatuo fuoco che la notte splende
sovra 'l sentier di chi 'l cammin smarri.

Ti vengo in traccia e già ti veggo Amore,
e tu pur m'incontrasti ma fu invan.
Non vider gli occhi tuoi ciò che nel cuore
porto racchiuso e stringo nella man!

AMBIZIOSA

([AMBIZIOSA](#))

Per quei fantasmi che nel ciel passarono
quai nubi erranti e che giurai d'amar,
mai le mie braccia languide tentarono
il gesto vano che cerca arrestar.

Se le mie mani trepidanti osarono
stringere al seno un palpitante amor,
quante pantere barbare straziarono
sol per la gioia d'un cieco furor!

Or l'alma è come funeraria pietra
in cima al monte, interrogando il ciel;
l'umano amor dinanzi a lei s'arretra,
e vano sogno a chi, rompendo il vel

del senso, anela ad un divino amore,
sembra ogni accento. Già lo spirito mio
fatto s'è franco del terreno errore.
L'amor d'un uomo? Voglio solo un Dio!

I MIEI VERSI

(OS MEUS VERSOS)

Strappa quei versi ch'io ti scrissi, Amore,
gétтали al fuoco, o se li porti il vento,
e, s'a memoria tu li sai, dal cuore
te li cancelli oblio in un momento.

Quanti poeti non cantar d'amore,
nell'estasi del loro sentimento;
e quanti non soffrir del mio dolore
le pene stesse che nel cuore io sento?

Quel ch'io sognai già ripeteron tante
voci che Amore e che il Dolor costrinse,
—un batter d'ali, un gemito dolente—,

Strappa i miei versi. Qual follia mi vinse...
Come se un grande amor qui nella vita
non fosse poi l'amor d'ogn'altra gente!

IDEALE

(EU NÃO SOU DE NINGUEM)

.....

Io non son di nessun. Sia chi mi vuole
luce di sole in un meriggio ardente,
rechi negli occhi, come un'acqua chiara
la fulgida pupilla d'un veggente.

Linfà che nutre agli alberi le gemme,
murmure d'ali d'un minuto insetto,
vento che strappa vele dall'antenne!

Diverso sempre ad ogni ora che volge,
forza viva, perenne, in movimento,
stella che gli astri in suo cader travolge!



SILENZIO

([SILÊNCIO](#))

Nell'ore tristi del mio van penare,
a notte fonda, ch'ogni voce è morta,
io sono il vento che tenta d'entrare,
che geme e piange e batte a la tua porta.

Vivo lungi da te, ma cosa importa?
Per me non vivo ormai.—Non senti errare,
della tua voce nell'incanto assorta,
un'ombra lieve presso il limitare?

Io ti son presso più che tu non creda:
oh, quante volte il guardo mio si posa
sopra il tuo libro, benchè tu non veda!

Ti stringo in braccio, quasi un figlio mio;
non senti lieve un passo ne la casa?
—Silenzio, Amor mio bello, apri, son io!

FOLLIA

(LOUCURA)

Tutto cade e precipita con romba
spaventosa!—Io non so più dov'era
dianzi! Il mio bel castello, il mio palazzo
l'aëreo balcon vani nel sogno...
Oh Dio, nulla, nulla io più non so!...
Ridda un tumulto di pensieri ardenti
nella mia mente, in lampi di follia!
Strappansi sete, infrangonsi diamanti...
Oh Dio, che nulla ormai posseggo più!
Solo incúbi di sogno e deliranti
insonnie e pazzi lampi di follia
traversano la tenebra ove muove
anelante il mio piè. Oh, chi mi salva?...
Oh spaventoso orror d'essere sola,
e udir nell'alma riecheggiare il folle
ridere d'infinite alme dementi!

ALLA MORTE

(DEIXAI ENTRAR A MORTE)

Lasciate che venga sicura la Morte,
che venga a rapirmi nell'ombra laggiù,
a lei spalancate sien tutte le porte,
chè stanche già l'ali non battono più!

Chi sono nel mondo? Io sono un'illusa
che il chiaro di luna già in mano serrò,
pensando d'avere la Vita racchiusa;
aperse le mani... e nulla incontrò!

Perchè fra dolori e lacrime un giorno
La vita mi desti? Perchè mi nutri
o mamma, il tuo seno, se il frutto soltanto
d'un giglio esser devo che triste sfiori?

ÍNDICE

LIVRO DE MÁGOAS

	Pág.
Êste livro	9
Vaidade	10
Eu	11
Castelã da tristeza	12
Tortura	13
Lágrimas ocultas	14
Tórre de Névoa	15
A minha dor	16
Dizeres íntimos	17
As minhas ilusões	18
Neurastenia	19
Pequenina	20
A maior tortura	21
A flor do sonho	22
Noite de saüdade	23
Angústia	24
Amiga	25
Desejos vãos	26
Pior velhice	27
A um livro	28
Alma perdida	29
De joelhos	30
Languidez	31
Para quê?	32
Ao vento	33
Tédio	34
Minha tragédia	35
Sem remédio	36
Mais triste	37
Vêlhinha	38
Em busca do amor	39
Impossível	40

LIVRO DE SÓROR SAÜDADE

	Pág.
Sóror saüdade	45
O nosso livro	46
A que tu és	47
Fanatismo	48
Alentejano	49
Fumo	50

Que importa?	51
Meu orgulho	52
Os versos que te fiz	53
Frieza	54
O meu mal	55
A noite desce	56
Caravelas	57
Inconstância	58
O nosso mundo	59
Prince Charmant	60
Anoitecer	61
Esfinge	62
Tarde demais	63
Cinzento	64
Noturno	65
Maria das Quimeras	66
Saüdades	67
Ruínas	68
Crepúsculo	69
Ódio	70
Renúncia	71
A vida	72
Horas rubras	73
Suavidade	74
Princesa desalento	75
Sombra	76
Hora que passa	77
Da minha janela	78
Sol poente	79
Exaltação	80

CHARNECA EM FLOR

	Pág.
Charneca em flor	85
Versos de orgulho	86
Rústica	87
Realidade	88
Conto de fadas	89
A um moribundo	90
Eu	91
Passeio ao campo	92
Tarde no mar	93
Su tu viesses ver-me	94
Mistério	95
O meu condão	96
As minhas mãos	97
Noitinha	98

Lembrança	99
A nossa casa	100
Mendiga	101
Supremo enleio	102
Toledo	103
Outonal	104
Ser poeta	105
Alvorecer	106
Mocidade	107
Amar!	108
Nostalgia	109
Ambiciosa	110
Crucificada	111
Espera	112
Interrogação	113
Volúpia	114
Filtro	115
Mais alto	116
Nervos de ouro	117
A voz da tília	118
Não ser	119
?	120
In memoriam	121
Árvores do Alentejo	122
Quem sabe?	123
A minha piedade	124
Sou eu!	125
Panteísmo	126
Pobre de Cristo	127
A uma rapariga	128
Minha culpa	129
Teus olhos	130
He hum não querer mais que bem querer	131

RELIQUIÆ

	Pág.
Évora	145
À janela de Garcia de Rezende	146
O meu impossível	147
Em vão	148
Voz que se cala	149
Para quê?	150
Sonho vago	151
Primavera	152
Blasfémia	153
O teu olhar	154
Noite de chuva	155

Tarde de música	156
Chopin	157
O meu desejo	158
Escrava	159
Divino instante	160
Silêncio!	161
O maior bem	162
Os meus versos	163
Amor que morre	164
Sôbre a neve	165
Eu não sou de ninguém	166
Vão orgulho	167
Último sonho de «Sóror Saúde»	168
Esquecimento	169
Loucura	170
Deixai entrar a morte	171
À morte	172
Pobrezinha	173
Roseira brava	174
Navios fantasmas	175
O meu soneto	176
Nihil novum	177

TRADUÇÕES

	Pág.
Io	181
Il mio destino	182
Tristezza	183
Il canto del rosignolo	184
Sera alentejana	185
Amica triste	186
Giovinezza inutile	187
Il mio segreto	188
Landa florita	189
Versi d'orgoglio	190
Autunno	191
Passione	192
Voluttà	193
Passeggiata campestre	194
Le mie mani	195
Toledo	196
In Memoriam	197
Alentejo	198
Alberi dell' Alentejo	199
Evora	200
La finestra di Rezende	201
Sogno vano	202

Ambiziosa	203
I miei versi	204
Ideale	205
Silenzio	206
Follia	207
Alla morte	208

FLORBELA ESPANCA

AS MÁSCARAS DO DESTINO

(CONTOS)

EDIÇÃO MARANUS

ALGUMAS OPINIÕES DA CRÍTICA SOBRE ESTE LIVRO:

Do «DIÁRIO DE LISBOA»

As Máscaras do Destino, são contos em prosa repassada de poesia, e em qualquer dos oito capítulos, aflora uma singular e pulcra beleza verbal.

A autora, profundamente mulher delicadíssima de sensibilidade, até aos páramos da mística sentimental, possui ao mesmo tempo um vigor clássico de Apolo das belas formas...

Do «DIÁRIO DE NOTÍCIAS»

A forma de todos êles é incedível de côr e emoção. Lê-se êsse livro com o coração confrangido, mas com um excepcional gôzo espiritual, admirando-se em tôdas as suas páginas a escritora insigne.

ERRATA

Pág.		Onde se lê	Deve ler-se
24	9.º Verso	não... não se apaga	não... nada se apaga
29	3.º "	alma de gente	alma da gente
30	9.º "	que te amaram	que te amarem
62	9.º "	à hora da doce ansiedade	à hora doce da ansiedade
63	7.º "	a noite a iluminar	a noite iluminar
80	1.º "	Erguer!	Erguer
137	2.º "	Conta-me a glória,	Conta-me a glória

[End of *Sonetos Completos* by Florbela Espanca, translations by Guido Battelli]

[Fin de *Sonetos Completos* par Florbela Espanca, traductions par Guido Battelli]